



Comemorações pelo término da Guerra do Paraguai

*no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina,
na Corte e em Portugal*

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025



**Comemorações pelo
término da Guerra do
Paraguai no Rio
Grande do Sul, em
Santa Catarina, na
Corte e em Portugal**





CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO

Alvaro Santos Simões Junior

- Universidade Estadual Paulista – Assis -

António Ventura

- Universidade de Lisboa -

Beatriz Weigert

- Universidade de Évora -

Carlos Alexandre Baumgarten

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Ernesto Rodrigues

- CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco Gonzalo Fernandez Suarez

- Universidade de Santiago de Compostela -

Francisco Topa

- Universidade do Porto -

Isabel Lousada

- Universidade Nova de Lisboa -

João Relvão Caetano

- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -

José Eduardo Franco

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Maria Aparecida Ribeiro

- Universidade de Coimbra -

Maria Eunice Moreira

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –

Maria Cristina Firmino Santos

- Universidade de Évora -

Vania Pinheiro Chaves

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves

Comemorações pelo término da Guerra do Paraguai no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina, na Corte e em Portugal



Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025



Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande
2022

DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO

DIREÇÃO:

José Eduardo Franco (Coord)
Carla Oliveira
Cécile Méadel
Fabrice d'Almeida
João Luís Cardoso
José Ignacio Ruiz Rodríguez
Valérie Dévillard
Pierre-Antoine Fabre

COMISSÃO PEDAGÓGICA:

João Relvão Caetano (Coord.)
Darlinda Moreira
Jeffrey Scoot Childs
Rosa Sequeira
Sandra Caeiro

ASSESSORIA EXECUTIVA:

Cristiana Lucas (Coord.)
José Bernardino
Milene Alves
Paula Carreira
Susana Alves-Jesus

DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

Presidente: Francisco das Neves Alves

Vice-Presidente: Pedro Alberto Távora Brasil

Diretor de Acervo: Mauro Nicola Póvoas

1º Secretário: Luiz Henrique Torres

2º Secretário: Ronaldo Oliveira Gerundo

Tesoureiro: Valdir Barroco

Ficha Técnica

- Título: Comemorações pelo término da Guerra do Paraguai no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina, na Corte e em Portugal
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Rio-Grandense, 53
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Janeiro de 2022

ISBN – 978-65-89557-42-5

CAPA: Gravura publicada em: JOURDAN, Emílio Carlos. *Atlas histórico da Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Litografia Imperial de Eduardo Rensburg, 1871. p. 5.

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019) e à UNESP (2020). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de cento e noventa livros.

SUMÁRIO

Um escritor sul-rio-grandense e seus versos alusivos ao fim da Guerra do Paraguai	11
Uma oração em ação de graças dos catarinenses pela terminação do conflito internacional	33
A celebração da vitória da Tríplice Aliança em uma memória cartográfica.....	45
Uma homenagem lusitana ao término do confronto bélico no Paraguai.....	101

Um escritor sul-rio-grandense e seus versos alusivos ao fim da Guerra do Paraguai

O Rio Grande do Sul foi uma das províncias brasileiras mais diretamente envolvidas no transcorrer da Guerra do Paraguai. Seu território fora invadido pelo inimigo e os movimentos bélicos para a expulsão destes constituiu o ponto de partida para a reação do Império diante do adversário. Havia na unidade sulina também um certo receio de uma possível nova invasão, ainda mais diante do quadro instável que representavam as alianças no intrincado contexto geopolítico platino. Finalmente, muitos sul-rio-grandenses viriam a representar um significativo montante das forças brasileiras na campanha do Paraguai, tanto quantitativamente, quanto qualitativamente, tendo em vista a experiência de alguns chefes militares gaúchos, fundamental para os destinos daquele confronto.

Diante disso, a notícia do encerramento do conflito foi constantemente almejada pela população gaúcha, como bem refletiam os periódicos da época. A cada vitória dos aliados, era anunciado que o final do confronto internacional estava próximo, para, passado tal efeito inicial, reiniciar-se o processo de renovação de expectativas, em um misto de esperanças e frustrações, tendo em vista as dificuldades das forças aliadas e a contínua resistência dos paraguaios. Além disso, um dos

intentos fundamentais da Tríplice Aliança era a derrubada definitiva do governante guarani Francisco Solano Lopez, sem a qual a paz não seria considerada viável. Nesse quadro, só a morte de Lopez viria a representar para o Império o ato demarcatório da terminação da guerra. Uma vez estabelecido o término do conflito, várias foram as manifestações comemorativas alusivas ao acontecimento. Dentre elas esteve uma composição poética escrita pelo literato riograndense-do-sul Bernardo Taveira Júnior, publicada sob o título *Conclusão da Guerra do Paraguai: fragmentos para um poema*, editada em Pelotas ainda no ano do final da guerra¹.

Bernardo Taveira Júnior (1836-1892) nasceu na cidade do Rio Grande, radicando-se na localidade vizinha de Pelotas, desenvolvendo uma carreira literária bastante profícua. Desde jovem dedicou-se ao cultivo das letras e, mormente ao estudo das línguas, passando a conhecer, além do português, o francês, o alemão, o italiano, o espanhol, o sueco, o dinamarquês, o latim e o grego, chegando a também estudar o guarani e o sânscrito. Significativa parte de seus conhecimentos foram adquiridos a partir de seus estudos de gabinete, vindo a exercer o professorado desde 1857, lecionando principalmente matérias de instrução secundária, atuando ainda como diretor da Biblioteca de Pelotas. Com uma obra prolífica, publicou vários escritos e

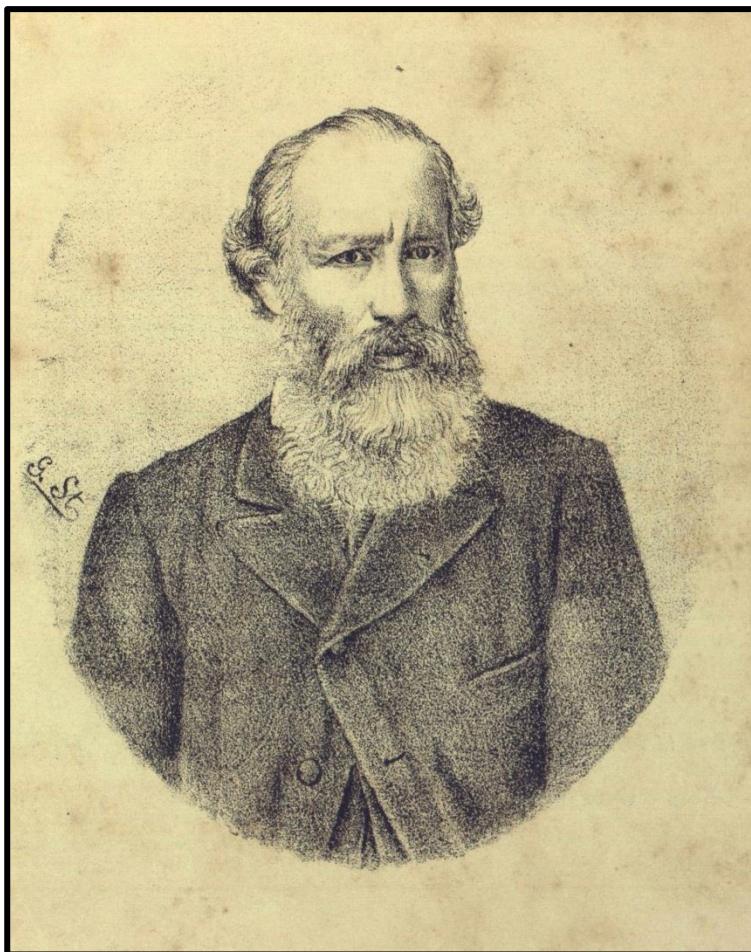
¹ TAVEIRA JÚNIOR, Bernardo. *Conclusão da Guerra do Paraguai: fragmentos para um poema*. Pelotas: [s.n.], 1870.

deixou diversos trabalhos inéditos². Realizou seus estudos preparatórios em sua cidade natal, também trabalhou no comércio, antes do magistério e, mais tarde, dirigiu um colégio em São Gabriel. Pertenceu ao Grêmio Literário Rio-Grandense e ao Partenon Literário. Além de professor, foi poeta, teatrólogo, cronista e tradutor³. Chegou a ingressar na Faculdade de Direito de São Paulo, mas, por motivos de natureza econômica, não chegou a concluir o curso, tendo de voltar para sua província de origem. Defendeu ideias abolicionistas e republicanas, notadamente por meio da imprensa periódica⁴.

² BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1883. v. 1, p. 418-419.

³ MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Instituto Estadual do Livro, 1978. p. 576.; e VILLAS-BÔAS, Pedro Leite. *Notas de bibliografia sul-riograndense: autores*. Porto Alegre: A Nação; Instituto Estadual do Livro, 1974. p. 508.

⁴ BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. As *Poesias americanas*, de Bernardo Taveira Júnior. In: *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 34, n. 1, 1999, p. 127.



Retrato de Bernardo Taveira Júnior
A VENTAROLA. Pelotas, 10 jun. 1888.

Dentre suas publicações podem ser citadas: *A liberdade* (1863), *Memórias de José Garibaldi* (1864), *O anjo da solidão* (1869), *Poesias Americanas* (1869), *O voluntário* (1869), *Reflexões sobre a literatura sul-rio-grandense* (1869),

O anjo da solidão (1870), *O anjo caído* (1870), *Vozes da escravidão* (1871), *Agar* (1872), *Meninas na valsa* (1873), *Justiça de Cristo* (1873), *A filha de Jairo* (1873), *A falta de uma mãe* (1873), *Beijo* (1874), *Paulo* (1874), *Poesias alemãs* (1875), *Três poemetas (Primus inter pares e Outros)* (1877), *O poder do gênio* (1877), *Célio* (1877), *Cenas trágicas* (1877), *Intriga de amor* (1877), *Sobre o galicismo* (1877), *Guilherme Tell* (1878), *Joaninha* (1878), *O enjeitado* (1878), *A reconciliação* (1878), *Ave, Poeta!* (1885), *Provincianas* (1886), *O enterro* (1888), *O historiador* (1889), *Ao toque de uma valsa* (1889), *O retrato* (1889), *Sonho* (1889), *O soneto D'Anvers* (1889), *Culto à mulher* (1889), *Ao despertar da sesta* (1891), *Os dois cortejos* (1893), *Sobre Cristo* (1893), *Amor filial* (1894), *Realidade* (1902), *A poesia* (1905) e *O trabalho* (1906). No que tange aos seus trabalhos inéditos e dramas teatrais apresentados, escreveu *Tratado de lexicologia*, *Tratado de fraseologia*, *Elementos de gramática portuguesa*, *A avó*, *O guarda-livros*, *O novo jogador*, *Coração e dever*, *A soberba*, *A atriz*, *Virtude*, *Celina*, *Luiza*, *Um usurário*, *O heroísmo feminil ou a Joana D'Arc brasileira*, *Clara Camarão*, *A visão de Colombo*, *O ciúme*, *O agiota*, *O voluntário* e *Poesias*⁵.

Os versos publicados sob o título *Conclusão da Guerra do Paraguai: fragmentos para um poema* foram impressos na cidade de Pelotas, sem indicação de editor, e datados de 17 de março 1870, pouco depois do encerramento do conflito.

⁵ BLAKE, p. 419-420.; MARTINS, p. 576.

CONCLUSÃO DA GUERRA
DO
Paraguay.

(*Fragments para um poema.*)

I

Mosanna ! Despertai, genios da patria !...
Um hymno bem do peito à Providencia,
Ao Eterno soltai da lyra, ó bardos !
Para alivio da trista humanidade
Aos raios do Senhor mais um tyranno,
Fulminado, rolou da queda em queda
Do nada nos abysmos insondáveis !...
Das victimas o sangue palpitante,
Crescendo à reserver, qual um anithema : —
VINGANÇA ! — pelo cépago rebramava.
Era um grito mais forte, mais potente,
Do que a voz dos trovões a d'esse sangue ;
Eram férvidos eis de quem nas vascas
Da morte se estorciam agonizando ;
Eram echos tremendos, que ruidavam
Do vendaval nas azas parorosas,
No pincaro dos montes, na rasmagam

A publicação era dividida em nove partes, com número de estrofes e versos desiguais. O primeiro segmento era voltado à saudação pela vitória do Império e pela derrota da “ditadura” de Solano Lopez:

Hosana! Despertai, gênios da pátria!...
Um hino bem do peito à providência,
Ao eterno soltai da lira, ó bardos!
Para alívio da triste humanidade
Aos raios do senhor mais um tirano,
Fulminado, rolou de queda em queda
Do nado nos abismos insondáveis!....
Das vítimas o sangue palpitante,
Crescendo a refervor, qual um anátema: –
VINGANÇA! – pelo espaço, rebramava.
Era um grito mais forte, mais potente,
Do que a voz dos trovões a desse sangue;
Eram férvidos ais de quem nas vascas
Da morte se estorcia agonizando;
Eram ecos tremendos, que ruidavam
Do vendaval nas asas favorosas,
No píncaro dos montes, na ramagem
Frementa das florestas, nos abismos,
Nos vales, nas torrentes e cascatas!

Hosana! Despertai, gênios da pátria!...
Um hino bem do peito à providência,
Ao eterno soltai da lira, ó bardos!

Dos livres no cenáculo esplendoroso,
Ufano agora pode, e desopresso,
Sentar-se finalmente o Paraguai,
O fero ditador que a um povo inteiro
Estampava na fronte o selo infame,
Que à atroz escravidão reduz o homem –

Solano, o mastodonte hórrido e fero
De quantos lhe caíam sob as garras,
O extremo arranco ao fim soltou vencido!
Já não respira! O sangue dessas vítimas,
Que nos ares refervia condessado,
À voz da providência, em catadupas,
Do Nero sobre a fronte despenhou-se!
Já não respira! Inanimado,
Caiu, qual tumba o ipê, rangendo em lascas,
Na queda produzindo um som medonho!...
Extinguiu-se-lhe a voz que decretava
Centenas de hecatombes, implacável;
Já nas côncavas órbitas não brilha
A luz funesta de seus olhos turvos;
Já no imo do seu peito não se expande
A alegria feroz, quando mais vivo
Nas vítimas pungia o sofrimento!
Para sempre das frias mãos, geladas,
A bipene caiu-lhe do extermínio!...

.....
Dorme! dorme na terra que envolveste
Nas sombras de um silêncio mortuário!
Concede a providência que a sevícia
Repouse para alívio à humanidade.
Dorme enfim no teatro de teus crimes!...
Oxalá que, no instante derradeiro,
Penetrasse em tua alma a luz fagueira,
Que brotar faz num peito endurecido
A flor da contrição celeste e pura!...
Dorme tirano, teu reinado é findo!

Já não respira!... Hosana! Hosana!
Do seio um hino ardente à providência,
Ao eterno soltai da lira, ó bardos!⁶

A segunda parte destinava-se ao enaltecimento das forças brasileiras, com versos fortemente marcados pelo fervor patriótico:

Valentes do Cruzeiro, águias sublimes!
Saudação perenal, em toda a parte,
Assinale esses feitos de bravura,
Que até mesmo não sei, se dos Homeros
Fora o gênio capaz de decantá-los!
Por sobre vossas frontes coroadas
Da glória pelos raios esplendentes, –
Da gratidão em ondas de perfume,
Rociadas de amor, chovam as flores,
Salve!... Embora o mundo em caos horrível
Abisme-se! – pereçam muito embora
Cidades e nações, coroas, cetros...
Tudo finalmente! – ao menos da voragem
Intactos ressurjam vossos nomes,
Ó nobres, ó valentes que lutastes
Pela honra, pela pátria, e liberdade!

Quem deixa o lar, família, esposa e filhos;
Quem heroico se expande em cem batalhas;
Quem luta a vasquejar nas garras tredas
Do que tem de mais horrido a miséria,
Sem da pátria jamais perder a imagem;
Quem tanta abnegação mostrou sublime;
Quem nunca empaleceu diante da morte;
Quem do heroísmo, firme no seu posto,

⁶ TAVEIRA JÚNIOR, p. 1-3.

Na mortalha se envolve esplandecente; -
Não morre, não perece, não se extingue
Seu nome tem o brilho das estrelas,
A duração do sol - do infinito!⁷

As agruras da guerra, as dificuldades encontradas pelas forças brasileiras e as consequências do conflito bélico, mormente quanto às perdas humanas, eram o tema da terceira parte:

Já não toa o canhão horrendo e fero
Do Paraguai nos charcos deletérios;
Já não ruge o clarim que acende
Às coortes na arena dos combatentes
Quais os ventos nas asas [ilegível]
Já inteiros esquadrões, [ilegível]
Não voam temerários [ilegível]
Já o ferro não retine contra [ilegível]
Já o sangue em borbotões não tinge a relva;
Fendidos crânios, maceradas carnes,
Braços, pernas, ainda palpitantes,
Não mais enchem de horror aqueles pântanos.
Os pungitivos ais não mais se escutam
Dos que foram na esteira da vitória
Traídos pela bala, espada ou lança;
Nem mais ali se estorce, agonizando,
O bravo que tombou, armas em punho!

Após o rijo açoute da tormenta,
Dos raios e trovões, horror e morte,
À pátria ao fim nos turvos horizontes
Da bonança raiou a luz formosa.
Ao lar voltam os bravos, desfraldando

⁷ TAVEIRA JÚNIOR, p. 3-4.

O pavilhão da glória e do triunfo.
Na marcha triunfal voltam saudosos,
Pelo instante almejado em que nos braços,
Repleto o coração de amor intenso,
Eles possam cingir esposa e filhos...
Ah! mas quantos, traídos pela sorte,
Nunca mais hão de ver o sol da pátria,
Nunca mais hão de sentir esses perfumes
Que aos enlevos se expandem da amizade;
Nunca mais os seus olhos, na alegria,

A imagem verão dos seus amores.
Nunca mais!... A viuvez, a orfandade,
A donzela gentil, enamorada, -
Esses entes pranteiam, que na guerra,
Caíram como heróis, e que deixaram,
Por extremo consolo aos seus diletos,
Um poema de glória e de martírio!...
Ó pátria, tu, que vejo agora enfebrecida,
Nos triunfais aplausos ruidando -
Um momento suspende o voo ardente
Desse altivo e tão entusiasmo!...
Escuta! Um canto ungido em lágrimas
Vou soltar do alaúde à cinza homérica
Dos teus mártires, ó pátria, assinalados.
É uma triste saudade, que o poeta
Desprende entre soluços à memória
Daqueles por quem tu, hoje, festiva,
Entoas o teu hino de vitória!⁸

Como uma mescla entre o soturno e a glorificação, o quarto segmento trazia um tom de lamentação pelas tantas mortes advindas da guerra, ao

⁸ TAVEIRA JÚNIOR, p. 4-6.

mesmo tempo em que se voltava à consagração daqueles que foram considerados como realizadores de atos de heroísmo no teatro de operações:

Jazem!... frios, trucidados
Lá nos campos sepulcrais!...
Pela pátria lá ficaram,
Sem as palmas triunfais.
Na carreira gloriosa
A metralha pavorosa
Os seus passos atalhou!...
Mas, pela glória saudado,
Cada qual no duro fado,
Firme, no posto acabou.

Nessas valas, ignorados,
Para sempre dormirão;
Da amizade a prece ardente
Nem sequer, eles terão!...
Ó brisas da pátria, ao menos,
Ide lá pungidos trenos,
Ide, ó brisas soluçar!
Transportai das nossas flores
Os balsâmicos odores -
Ide as valas perfumar.

IDE, ó ecos destes vales,
Às longínquas solidões;
IDE os bravos que lá jazem
Despertar nas ovações.
Dizei-lhes que reverente
Há de a pátria eternamente
Venerá-los com fervor;
Que de seus feitos na história
O prestígio imenso, a glória
Terão imortal fulgor.

Eia! despertai, ó gênios
Deste formoso Brasil,
Recontai ao céu, aos mares,
Ao sol, e à lua gentil -
Quanto vale um brasileiro,
Nascido sob o Cruzeiro,
Quando o inspira o pátrio amor!
Fazei-os pasmar ouvindo
Aquele heroísmo infindo
Das batalhas ao fragor!

Oh! quantos foram grandes
No sacrifício à nação!
Que grandeza tinham na alma,
E quanto amor no coração!...
E lá foram imolados!
E lá repousam gelados,
Sem a sombra de uma cruz!
Não mais a flama da vida,
Pela glória consumida
Nas suas frontes reluz!

Ah! nas coroas da vitória
Há muito emblema de dor!
Nelas também se destaca
Dos goivos a triste cor!
Quantos bravos na batalha
Não caíram na mortalha
Para alcançar-se um laurel?!

Quanto sangue viu a terra,
Derramado pela guerra -
Da sorte ao riso infiel?!

Pátria! Povo! Se momentos
Não tendes vós para honrar

Essas cinzas do heroísmo,
Que nunca haveis de lograr -
Dai-lhes o mais precioso,
Que deu-vos o céu bondoso
Para exprimir-se uma dor -
Dai-lhes o pranto sentido,
Qual o orvalho desprendido
Pelos anjos numa flor.

Não coreis em verter lágrimas
À memória do imortal;
Do sentimento é na terra
O mais verdadeiro sinal.
Não coreis! - chorai os bravos,
Que redimiram escravos,
Até onde a vida os deixou!...
Oh! pela glória saudado,
Cada qual no duro fado,
Firme no posto acabou!⁹

Reflexões sobre a terra e a gente paraguaia, associadas ao pensamento sobre a ação considerada como libertária dos brasileiros em território guarani foram os motes da quinta parte, no qual houve também um significativo destaque para alguns dos militares que lideraram as forças brasileiras e, tratando-se de um escritor sul-rio-grandense, a ênfase maior foi dada às lideranças oriundas do Rio Grande do Sul:

Terra do Sul! de Deus terra dileta!
Esquecer-se de ti não pode o bardo,
Que sente aviventarse às tuas flores,
Ao aspecto formoso de teus campos,

⁹ TAVEIRA JÚNIOR, p. 6-9.

Ao candor de teu céu risonho e puro.
Não! Por ti hoje o poeta o fogo sente
De altiva inspiração queimar-lhe o crânio!...
Vem agora inspirá-lo o raio ardente,
Que a guerra aos mortíferos relâmpagos
O heroísmo insuflava nos teus bravos.
Terra do Sul! de Deus terra dileta!
A ti meu canto agora, a ti somente.

Sultana linda, guarani danosa,
Cecém mimosa de vernal primores,
Quem deu-te encantos de magia infinda?
Quem deu-te ainda tão gentis amores?

Encerras tudo o que a beleza inspira,
Por ti suspira quem já viu teus montes;
És linda estrela cintilando alvuras
Das águas puras, no cristal das fontes.

Cinge-te a fronte um esplendor divino,
Iris benigno que teus passos guia;
Das alvas pérolas da Brasília terra –
Qual a que encerra mais fulgor – magia?

Quando te embalas com celeste enleio
No doce seio de uma paz serena,
És como a rola suspirando amores,
E qual a nota de canção amena.

Mas se da guerra o trovejar medonho
Te rouba o sonho de angelical ternura,
Então despertas – Amazona altiva,
Na chama ativa de imortal bravura.

À tua voz imperiosa e forte
Basta coorte se levanta ousada;

Os teus centauros nos corcéis ardentes
Rugem frementes, manobrando a espada.

Galgando abismos na veloz carreira,
Frente altaneira, franqueando espaços,
Erguem na lança mil troféus de glória,
Legam à história luminosos traços.

Nenhum dos teus, ó guarani valente,
O amor desmente desta altiva terra;
Ou vencem livres libertando escravos,
Ou morrem bravos aos clarões da guerra.

Teu doce nome é um condão fagueiro,
É do Cruzeiro um fanal de heroísmo...
Salve, Amazona do Brasil ingente, –
Símbolo esplendente de imortal civismo:

Oh! sim! tu és o berço glorioso,
Do qual em cada filho o amor da pátria
É um raio de heroísmo nas batalhas!...
De um Neto, e de um Osório, ah! quem pode
Ousado, escurecer o brilho ingente?!

Quem é que não se ufana do prestígio
Do valente qual foi Andrade Neves?
De um bravo João Manoel, ou Porto Alegre?
E de outras águas tantas aureoladas,
Que no voo sublime os astros tocam?!

Salve, berço de heróis, e de muralhas –
Orgulho nacional de um povo livre!¹⁰

Buscando inspiração em outros confrontos bélicos, desde a antiguidade até a contemporaneidade, no sexto segmento, o autor fazia odes à “bravura dos

¹⁰ TAVEIRA JÚNIOR, p. 10-12.

valentes” brasileiros, exaltando a obra libertária que teriam empreendido na campanha do Paraguai:

Do heroísmo, afinal, e do martírio
Relembra hoje o Brasil, erguendo hosanas,
À pasmosa epopeia de seus feitos!...
Sombras heroicas dessas Grécia antiga,
Manes ilustres de Cartago e Roma,
Avós invictos da Lusitânia ousada, –
Surgi nas campas, e cerrai fileiras,
Saudai a glória do Briareu da América!

E tu, ó França dos modernos tempos,
E tu, ó nobre Itália valorosa,
E vós todas, nações da culta Europa –
Soltai do peito um brado altissonante,
Saudai também as glórias esplendentes
Da terra, onde o heroísmo é sempre grande!

Por mar e terra, nos anais da história,
Qual o país que num tão breve espaço
Viu tantos bravos e lauréis insignes?!
Tantas coroas de martírio ingente?!

Batalhas tantas a ruidar tremendas?!

Na esplêndida marinha quantas flores!

Nessa altiva e galharda juventude,
Em quantos de João Bart e Duquesne
Não se encarnou a flama heroica!

E nesses que a mortalha trucidava,
Ah! quem sabe se a pátria mais de um Nelson
Não esperava contemplar um dia?

Na fileira briosas dos infantes,
Dos fortes cavaleiros na falange,
Ao lampejar da guerra, a cada passo,
Ressurgia um Bayard, pelo denodo,
Um fervido Murat guiando a carga!

Nessa cruzada de honra e liberdade,
Quantas vezes a glória ao contemplá-los,
Zelosa, não pasmava ante a bravura
Dos valentes [ilegível]

Sorrindo às balas do canhão medonho,
Colhendo flores a entestar com a morte?
O sangue rubro, que tingia a relva,
Pressurosos, da pátria iam os gênios,
Gota a gota absorvê-lo, e, no seu seio
Guardá-lo como a tinta preciosa,
Que um dia brilhará em letras de ouro
Da epopeia nas estrofes arrojadas!

Quão grande, ilustre, e majestosa,
Floreou nossa bandeira nessa guerra
Colossal, onde o arcanjo do extermínio
Aflava a tirania num só homem!
Cada cruz, nesses campos, cada crânio
É um marco, uma estátua, um monumento,
Que aos coevos assinala a rota invicta
De quem, vingando os brios conculcados,
Também ergueu troféus à liberdade!¹¹

Nas três últimas partes de sua composição, o poeta ressaltou mais uma vez o papel dos “valentes” brasileiros, enfatizando algumas das batalhas que constituíram vitórias marcantes do avanço aliado, havendo ainda a intenção de fixar tais atos como de propalado heroísmo, na qualidade de exemplos e ensinamentos que deveriam ser repassados às gerações vindouras, bem como a necessidade da glorificação

¹¹ TAVEIRA JÚNIOR, p. 12-14.

daqueles “bravos”, que seriam merecedores de gratidão eterna de parte dos brasileiros:

Valentes do Cruzeiro,
Águias de eterno valor, –
Quantos louros alcançastes,
Quantas coroas de fulgor?!

Legastes à nossa história:
Riachuelo, Itapiru,
Essas batalhas de *Maio*,
Redenção e *Curuzu*!

Legastes à nossa história
Potrera-Obela e *Timbó*,
Surubehy e *Laureles*,
Pilar, Hondo, Itororó!

Legastes à nossa história
Humaitá, Tebiquary,
Vileta, Angustura e *Lomas*,
Perebebuy, Tuiuti!

Legaste à nossa história
Quanto a pátria vos ditou –
AQUIDABAN, finalmente,
Onde o tirano acabou!

.....
.....
.....
.....

Se o indômito leão – o invicto Osório –
As glórias da campanha iniciou;
Um outro rio-grandense – o bravo Câmara –

A dita de coroá-las alcançou!



Foi completo, sublime e grandioso,
O desfecho de tão cruenta guerra!
Era tempo! O Brasil, extenuado,
Repouso ao céu pedia à lida tanta!
Agora, ao som dos hinos, comovido,
Ele aperta os seus bravos contra o seio,
E, por sobre as coroas da vitória,
Da gratidão, desprende as santas lágrimas.



Hosana! Despertai, gênios da pátria!...
Um hino bem do peito à providência,
Ao eterno soltai da lira, ó bardos!¹²

Assim, Bernardo Taveira Júnior, “um dos escritores mais fecundos do Rio Grande do Sul”¹³, e, no que se refere à sua poesia, a qual teve “por centro de irradiação a cidade Pelotas, cujo adiantamento cultural, naquela época, influía na vida de toda a Província”, possuía “o condão de despertar interesse sem precedentes”¹⁴. O escritor produziu “uma obra fortemente marcada pela poética romântica e, sobretudo, inspirada naquela concebida pelos principais autores

¹² TAVEIRA JÚNIOR, p. 14-16.

¹³ BLAKE, p. 419.

¹⁴ CESAR, Guilhermino. *História da Literatura no Rio Grande do Sul (1737-1902)*. 3.ed. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; CORAG, 2006. p. 211.

românticos brasileiros". Nesse contexto, houve "a tentativa da escrita de uma literatura nacional, levada a cabo pioneiramente pelos românticos", a qual repercutiu "na produção literária dos escritores sul-rio-grandenses em atuação no período compreendido entre as décadas de 1860 e 1880", dentre eles o próprio Taveira Júnior¹⁵. A partir dessa premissa de valorização do nacionalismo, fica inserida a composição *Conclusão da Guerra do Paraguai: fragmentos para um poema*, escrita com o fervor patriótico inerente aos dias que se seguiram à definitiva vitória brasileira sobre o Paraguai, e tendo por fio condutor a heroicização dos combatentes brasileiros e a glorificação do Império, preceitos sintetizados a partir da dicotômica concepção de que se tratara de um enfrentamento entre a "liberdade" brasileira e a "tirania" paraguaia.

¹⁵ BAUMGARTEN, p. 130.

Uma oração em ação de graças dos catarinenses pela terminação do conflito internacional

Ainda no âmbito sul-brasileiro, a Província de Santa Catarina, em sua capital Desterro, seria outra das localidades brasileiras nas quais foram organizadas solenidades alusivas ao encerramento da guerra do Paraguai. Tratava-se então de uma *Oração em ação de graças pela feliz terminação da Guerra do Paraguai*, a qual foi recitada no solene *Te-Deum* feito celebrar pela Câmara Municipal na Igreja da V. O. Terceira de São Francisco, na presença do Príncipe Conde D'Eu. A mesma foi realizada pelo Padre Francisco Pedro da Cunha, apresentado como Cavalheiro da Ordem de Cristo, Vigário Colado na Igreja Paroquial de S. José e sócio correspondente da Imperial Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional.

Francisco Pedro da Cunha Bittencourt (1832-1898) foi um clérigo, militar, político e jornalista catarinense. Nasceu na cidade do Desterro, onde realizou seus estudos iniciais. Estudou no Seminário de São José, vindo a ser ordenado padre em 1855. Foi vigário nas paróquias de Santana do Mirim (1858), Nossa Senhora das Necessidades e Santo Antônio, Ilha de Santa Catarina (1858-1865), São José (1866-1875) e Santo Amaro do Cubatão (1878-1882). Ainda foi nomeado cônego honorário da Diocese de São Paulo e cônego honorário da Capela Imperial. Serviu como

major graduado no exército. Em Santa Catarina colaborou com os periódicos *A Revelação* e *Regeneração*. Atuou ainda como deputado na Assembleia Provincial catarinense em 1858-1859; 1864-1865; 1866-1867; 1868-1869; e 1878-1879¹⁶.

A *Oração em ação de graças pela feliz terminação da Guerra do Paraguai* daria origem a um opúsculo publicado por Francisco Pedro da Cunha, com a impressão realizada na Tipografia da Regeneração, ainda no ano que demarcou o final da guerra¹⁷. A dedicatória do livreto era “à sua Majestade Imperial, o Senhor Dom Pedro II”, sob a inspiração que de, no Brasil, não mais estaria a faltar “a glória das armas”, a qual fora conquistada a partir do conflito com o Paraguai, “em tão abundantes projeções”, que não mais precisaria o Império invejar “grandezas de estranhos”. Francisco Pedro da Cunha explicava que naquela oração celebrara “essas glórias”, compostas do “épico de tantos feitos” e de “tantas e monumentais batalhas”, apresentando-a em nome de seus “irmãos catarinenses”, rogando que o Imperador a aceitasse, “não pelo mérito literário, mas pelo sentimento que a ditou”.

¹⁶ PIAZZA, Walter Fernando. *Dicionário político catarinense*. Florianópolis: Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1985. p. 191.

¹⁷ CUNHA, Francisco Pedro da. *Oração em ação de graças pela feliz terminação da Guerra do Paraguai*. Santa Catarina: Tipografia da Regeneração, 1870.

COMEMORAÇÕES PELO TÉRMINO DA GUERRA DO PARAGUAI NO RIO GRANDE DO SUL, EM
SANTA CATARINA, NA CORTE E EM PORTUGAL

ORAÇÃO

EM

ACÇÃO DE GRAÇAS

PELA

FELIZ TERMINAÇÃO DA GUERRA DO PARAGUAY

Recitada no solemne TE-DEUM feito celebrar pela Camara Municipal
na Igreja da V. O. Tereira de S Francisco, na Augusta presença do
SERENISSIMO PRÍNCIPE CONDE D'EU.

PELO

P.º Francisco Pedro da Cunha

CAVALHEIRO DA ORDEM DE CHRISTO,
VIGARIO COLLADO NA IGREJA PAROCHIAL DE S. JOSÉ
E SOCIO CORRESPONDENTE DA IMPERIAL SOCIEDADE
AUXILIADORA DA INDUSTRIA NACIONAL



Santa Catharina.

TYP. DA REGENERAÇÃO — LARGO DE PALACIO N. 32.

1870.

O texto/oração escrito por Francisco Pedro da Cunha, bem de acordo com sua formação religiosa, era carregado de verdadeiras intervenções divinas que teriam se manifestado ao longo da guerra, em favor das tropas brasileiras. Ainda assim, houve relevante espaço para enaltecer as vitórias brasileiras e denegrir a imagem do inimigo. Logo na abertura, o padre dava “muitas graças ao “Deus dos exércitos e vitórias, pela mercê do nosso grandioso triunfo”, de modo que naquele momento ficaria expresso “o sentir do Brasil e do povo, que vem celebrar as suas glórias ante o Deus, que as concedeu”. O autor bendizia “o poder que sustentou nosso esforço” e “a glória que laureia o nosso estandarte de esperança”, o qual teria levado “aos povos no obscurantismo da barbárie, a sua redenção com a liberdade”¹⁸.

O autor da oração demarcava que sua composição derivava do “patriotismo”, estando “a glória da pátria” em seu auxílio. Em relação ao país adversário, o padre dizia que “a civilização assoberbou o fanatismo”, de maneira que “tremeu o déspota ao sopro da liberdade, que lhe bafejou a fronte”, ficando abatido o “colosso pretensioso do Paraguai”. Citando várias batalhas travadas no teatro de operações, enfatizava as vitórias das “legiões brasílicas”, com “a liberdade” estando a acompanhá-las, em um quadro pelo qual “a civilização fez a sua entrada na terra de servos”. Na sua concepção, “era despótico o governo do Paraguai”, ou seja, “a obediência cega tinha a República ao serviço do

¹⁸ CUNHA, Francisco Pedro da. *Oração em ação de graças pela feliz terminação da Guerra do Paraguai*. Santa Catarina: Tipografia da Regeneração, 1870. p. 1-2.

ditador”. Assim, o avanço civilizatório teria entranhado “no solo dos livres, onde não vinga o despotismo, nem se consente rastreje a tirania”¹⁹.

Pedro da Cunha reconhecia que “difícil foi a campanha” e “muitos os mártires que a consagraram”, devendo haver “uma lágrima, uma prece a Deus por eles”, pois seriam “a ufania, o enlevo da pátria, a glória, a honra do Estado, os heróis do Império”. Eles teriam um “sangue tão generoso, dedicação tão sublime, abnegação tão edificante”, de forma que deveriam ser fechados “os anais dos povos, que se envolvem em sua grandeza, como um Deus em sua majestade” e “o livro de seus fastos, e percorramos as páginas de nossos feitos”. De acordo com o autor, “as empresas mais difíceis são as que mais se consolidam, para o bem dos povos” e, “jamais país algum mereceu da providência tanto como o Brasil”. Considerava assim que, “a história externará nossa conduta para exemplo das nações, como testemunho do nosso aperfeiçoamento no progresso da religião”²⁰.

Para o clérigo, a campanha no Paraguai significara, para além do “triunfo das armas brasileiras, a ideia que cada soldado levava na sua baioneta” e, “a vitória dessa ideia, plantada em solo estrangeiro, e regada com sangue generoso da nossa mocidade”, viria a constituir “a magnitude da empresa realizada”²¹. Em tom de conclamação, o autor da oração privilegiava o conteúdo patriótico como motivador dos brasileiros:

¹⁹ CUNHA, p. 2-3.

²⁰ CUNHA, p. 3-4.

²¹ CUNHA, p. 5.

Só quem não fosse brasileiro, desconheceria a figura grandiosa da pátria; não lhe ouvira o brado, a senha de honra, imposta a todos os seus.

Eis aqui uma espada... eis um código de liberdade! Ide... esmagai um tirano, e liberte um povo!

Dos insultos que nos arroja a República, que tem escravizados inteligência e coração, vinguemo-nos, elevando-a à altura de um povo livre; vinguemo-nos dos livres, deles fazendo um povo de amigos.

Do meio das florestas, do seio rico das cidades, de todos os ângulos do Império, os voluntários surgiram à voz da pátria.

A mãe dá sua alma ao filho, em lições de heroísmo; a esposa, fazendo o sacrifício de abandonar o marido, abebera-o em exemplo de valor; a virgem, proclama à mocidade, comunica-lhe o seu entusiasmo, revela-lhe a palavra do enigma da vingança; o senhor, quebra ao escravo os ferros da escravidão - impõe-lhe a obrigação de ser grato, o dever nobiliário de ir-se a libertar escravos.

Fechem-se os anais das grandezas estranhas; nunca foi tão grande um povo, nem missão jamais tão elevada!

Páginas mais brilhantes na história, quem há aí que as aponte?... Quem poderá narrar sucessos mais esplêndidos?...

O futuro registrará respeitoso estas récitas homéricas, em que foi protagonista o Brasil.²²

²² CUNHA, p. 6-7.

Na concepção do padre catarinense, o Império brasileiro tivera uma “grande missão” na campanha do Paraguai, a qual teria sido a libertação da “raça guarani” que estaria submetida à “cobiça de fero e cruel tirano”. Nesse sentido, as forças brasileiras estariam a representar “um exército livre”, que servira à causa de libertar uma nação “prisioneira” de seu governante. Para cumprir tal missão, o autor sustentava que o Brasil tivera por “escudo, o direito”, por “arma, o patriotismo” e, por “força, a constante fé na imorredoura promessa de que a justiça não será impunemente ultrajada na terra”²³.

A perspectiva do inimigo era personalizada na figura de Solano Lopez, considerado não como “o flagelo de Deus, mas o erro que tudo dissolve, o fanatismo que tudo destrói” e ainda não como “um castigo a fulminar uma raça perdida, mas um tirano a aniquilar o provo que o mantinha”. Ainda quanto ao líder paraguaio, “o seu proceder” era igualado ao “dos hunos”, além de ser “cruel e insaciável como os vândalos”, pois “degolava os seus prisioneiros de guerra” e, “como afronta a mais pungir-nos, cortava os pulsos dos bravos sucumbidos, em golpes tantos, quanto os galões que em vida decoravam suas fardas”. Além disso, Lopez era considerado como aquele que condenara o povo guarani “à voragem do abismo”²⁴.

De acordo com o caráter regional, o padre lembrava à “patriótica Desterro”, onde ocorria a solenidade religiosa, os “ilustres filhos” da terra que caíram nas diversas batalhas do conflito internacional. Nesse sentido, recordava que “a Guerra do Paraguai foi

²³ CUNHA, p. 7-9.

²⁴ CUNHA, p. 11-12.

fatal aos seus intemeratos campeões”, mas argumentava que, apesar das perdas, não teriam faltado “espadas onde sobeja amor pátrio”. Mantendo a toada de cunho religioso e patriótico, o clérigo dizia que “graças a Deus, não temos a recear, nem da justiça da causa, nem da precipitação do governo, na justa da nação, com os limítrofes que nos provocaram”²⁵.

Deixando de levar em conta o intrincado contexto geopolítico platino, o autor glorificava “o Brasil, que primeiro entre os impérios, desembainhou a espada por uma ideia e, cavalheiroso, a escoltou até a sua consolidação”. Nessa linha, almejava “que o reconhecimento assoberbe a má vontade, desfaça a injustiça, a prevenção do Prata, para com o seu aliado natural”, o qual seria, na sua ideia, o Brasil, que era considerado como “o seu melhor e valioso amigo, o companheiro de suas glórias, o mantenedor de sua integridade”²⁶.

A oração também se destinava a enaltecer o significado do Imperador brasileiro na vitória sobre o Paraguai, explicitando o autor que em relação ao “magnânimo e liberal monarca, ufania e delícias do seu povo”, não haveria suficientemente “conceitos que deem a medida do seu alto valimento”. Nessa direção, o padre demarcava “a gratidão, o entusiasmo dos súditos seus amigos”, como “o mais belo florão de sua coroa, o mais pomposo elogio”, que poderia ser destinado a um governante. Segundo tal narração, Pedro II, “dedicado aos seus na guerra, depõe o cetro e toma a espada”, engajando-se na luta armada, de modo que nascia “do

²⁵ CUNHA, p. 14-15.

²⁶ CUNHA, p. 16.

chefe o exemplo”, e, na guerra, “nossos exércitos e armada, a exemplo do Imperador, deram elevado testemunho de sua disciplina, inteireza de costumes e fina moralidade”. Os elogios se estendiam ao Conde D’Eu, o qual teria dividido com “seus soldados, companheiros de glórias e provanças, todos os rigores da fome”, e “das intempéries”, uma vez que, “a honra para eles era mais forte que a morte”²⁷.

A descrição do autor destinava-se a narrar alguns episódios da guerra e, ao aproximar-se da conclusão do evento bélico, retomava a ideia de que “a hora da redenção paraguaia soara no rufo de nossas caixas”, já que “a tirania que trucidava a República fugia pela lança dos montes” e “varava pelos mangais dos vales”. Seguindo tal linha de pensamento, o clérigo dizia que, enquanto “fugia a tirania”, várias pessoas paraguaias teriam vindo a pedir “amparo contra o implacável despotismo que as ameaçava”, bem como “pão que as sustivesse da fome”, e “tecidos que resguardassem a nudez que as cobria de vergonha”. Em consonância com a linha geral de orientação do texto, o narrador comparava o tratamento dado pelos brasileiros aos guaranis, a um ato de boa fé cristã²⁸.

Várias das lideranças militares das forças brasileiras de terra e mar foram saudadas na oração, sendo qualificados tais líderes como “impávidos” e “briosos como a honra do Império”, que “talhavam as infantarias inimigas, e, de roldão, punham o terror na fuga dos ingratos, que metralhavam sua própria liberdade”. Ainda em relação a tais comandantes, eles

²⁷ CUNHA, p. 16-19.

²⁸ CUNHA, p. 24-25.

eram considerados como uma “plêiade” de “valor e heroísmo, entusiasmo e abnegação”. Os elogios estendiam-se aos “beneméritos voluntários da pátria”, pelo “brio e dignidade”, naquela “pugna de liberdade”. Diante disso, o autor manifestava o desejo de que todos estes personagens “estatuados fiquem na história, para documento do que somos, memória do que seremos, exemplo de perfeição nos caminhos do progresso”. Apontava ainda que “todos fizeram muito e merecem da pátria a recompensa”. Mais uma vez as congratulações destinaram-se ao “gênio de Gastão de Orleans, o Conde D’Eu”, que seria portador de “primaciais qualidades, que estatuam no templo da honra” desse “insigne mancebo e provento general”²⁹.

Em conclusão, o padre Pedro da Cunha enaltecia o fim da guerra, com a derrota paraguaia, agradecendo aos céus pela conclusão do conflito:

Caiu para sempre a tirania, que acabrunhava os guaranis.

Caiu... mas antes largara a máscara com que aos seus iludira, o pseudo voltário da liberdade.

Os sonhos de ambição tinham lhe insuflado o peito; os fumos da soberba toldaram-lhe o espírito; projetos de dominação pulularam-lhe na mente.

Pretenso Bonaparte das campinas do Sul, julgara com a ponta do seu gládio alargar os seus limites, fazendo recuar nossas fronteiras.

²⁹ CUNHA, p. 26-31.

Quis imitar, e parodiou o gênio! Sonhara
equilíbrios, e na balança dos destinos do Uruguai,
arremessou sua espada.

Quebrou-a o Brasil!!

Com a audácia de Breno, a sua arrogância
valeu-lhe a derrota.

Deus, fieis, cujos juízos, são abismos, na
expressão do profeta, cegara um tirano, para
salvar um povo!

Quanto Vos devemos, ó bom e justo
Deus!...

Recebei, SENHOR, a homenagem de
gratidão e afetos, que vimos hoje depositar nas
aras do Vosso Templo.

Vós que abateis os grandes, e exaltais os
humildes; que revelais aos párvulos, os segredos
denegados aos sábios; apagai, SENHOR, nos
campos da América, o facho das discórdias, repeli
de suas plagas o flagelo da guerra!

Abrigai em vossa misericórdia a
humanidade, vosso perpétuo gênesis; defendei a
vida dos povos, emudecendo os canhões.³⁰

A Oração em ação de graças pela feliz terminação da Guerra do Paraguai proferida por Francisco Pedro da Cunha e editada no formato de livreto compreendia em si uma associação entre a fé religiosa e a devoção patriótica. A religiosidade católica, assim, permeia todo o discurso, servindo como uma espécie de catalisador das atividades humanas, de modo que as ações das tropas brasileiras e o sucesso das mesmas adviriam da vontade férrea dos combatentes movida também pelo ardor religioso. Nessa linha, o próprio autor defendia

³⁰ CUNHA, p. 31-32.

que aquilo “que sobre-excede o comum são as virtudes cristãs nos exércitos aguerridos”³¹. Como clérigo, e o natural alcance que tal função social tinha em meio à sociedade da época, bem como na condição de político influente e de jornalista, atuando diretamente na formação da opinião pública, através da imprensa periódica, Francisco Pedro da Cunha foi alçado à categoria de autoridade intelectual, para representar a comunidade na qual militava nas ações de exaltação dos denominados feitos do Império brasileiro naquela conclusão da Guerra da Tríplice Aliança.

³¹ CUNHA, p. 22.

A celebração da vitória da Tríplice Aliança em uma memória cartográfica

O Rio de Janeiro, sede administrativa, epicentro cultural e caixa de ressonância da sociedade brasileira, foi um dos pontos fundamentais das comemorações pelo triunfo do Império na Guerra do Paraguai. A morte de Solano Lopez e a consequente terminação do conflito foram divulgadas amplamente na Corte, com destaque para as matérias estampadas junto à imprensa periódica. O governo imperial também tratou de incentivar a difusão de peças que servissem para propagandear a vitória naquele conflito internacional que tão desgastante fora ao longo da praticamente meia década pela qual transcorreu.

Um desses veículos de divulgação governamental ocorreu a partir do patrocínio e/ou apoio a publicações que chegavam a ganhar um caráter oficial nesse papel de difundir o fim do enfrentamento e o êxito da causa imperial. Uma dessas edições foi o *Atlas histórico da Guerra do Paraguai*, organizado por Emílio Carlos Jourdan³². O organizador era 1º tenente e compunha a Comissão de Engenheiros, de modo que a obra era sobre trabalhos seus e de outros oficiais da mesma Comissão. Emílio Carlos Jourdan (1835-1900)

³² JOURDAN, Emílio Carlos. *Atlas histórico da Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Litografia Imperial, 1871.

nasceu na Bélgica, vindo a naturalizar-se brasileiro e formar família, ingressando na vida militar. Esteve presente em toda a campanha do Paraguai, como oficial do corpo de pontoneiros e membro da comissão de engenheiros, com o posto de tenente de artilharia. Mais tarde, recebeu as honras de tenente-coronel e foi nomeado engenheiro da Intendência Municipal da capital federal, já na República. Foi agraciado com a nomeação de Cavaleiro da Ordem da Rosa. Teve papel relevante na colonização de terrenos em Santa Catarina³³.

E. C. Jourdan, como assinava o militar, teve uma participação importante nas atividades alusivas ao final da Guerra do Paraguai, contribuindo com dois livros. Além do já citado *Atlas histórico da Guerra do Paraguai*, publicou também *Guerra do Paraguai*, com registros organizados ao longo de 1870 e editados em 1871³⁴. Este último livro viria a ter uma segunda edição, publicada já em tempos republicanos. Mais de vinte anos após o encerramento da guerra, Jourdan apresentou *História das campanhas do Uruguai, Mato Grosso e Paraguai: Brasil, 1864-1870*, livro editado primeiramente em francês, em 1892, e depois em português, em 1894³⁵.

³³ BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1893. v. 2, p. 270-271.

³⁴ JOURDAN, Emílio Carlos. *Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Perseverança, 1871.

³⁵ JOURDAN, Emílio Carlos. *História das campanhas do Uruguai, Mato Grosso e Paraguai: Brasil, 1864-1870*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1894.

COMEMORAÇÕES PELO TÉRMINO DA GUERRA DO PARAGUAI NO RIO GRANDE DO SUL, EM
SANTA CATARINA, NA CORTE E EM PORTUGAL

ATLAS HISTORICO

DA

GUERRA DO PARAGUAY

ORGANISADO

PELO

1º TENENTE E. C. JOURDAN

MEMBRO DA COMMISSÃO DE ENGENHEIROS

SOBRE

TRABALHOS SEUS E DE OUTROS OFFICIAES

DA MESMA COMISSÃO



PUBLICADO NA LITHOGRAPHIA IMPERIAL DE EDUARDO RENSBURG

Rio de Janeiro - 1871.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

GUERRA DO PARAGUAY

PELO

1.^º tenente E. C. Jourdan

MEMBRO DA COMMISSÃO DE ENGENHEIROS DO EXERCITO.

(Acompanha o atlas contendo 16 plantas topographicas e geographicas
relativas às operações da guerra).

COMEMORAÇÕES PELO TÉRMINO DA GUERRA DO PARAGUAI NO RIO GRANDE DO SUL, EM
SANTA CATARINA, NA CORTE E EM PORTUGAL

GUERRA DO PARAGUAY

PELO

1.º tenente E. C. Jourdan

MEMBRO DA COMISSÃO DE ENGENHEIROS DO EXERCITO

RIO DE JANEIRO.

Typographia — PERSEVERANÇA — rua do Hospício n. 91.

—
1871.

No prefácio do livro *Guerra do Paraguai*, também alusivo ao término do conflito internacional, tanto que era assinalado com a data de 31 de março de 1870, ou seja, ainda no mesmo mês de tal encerramento, E. C. Jourdan fazia referência não só à publicação que apresentava como ao próprio *Atlas histórico da Guerra do Paraguai*, ao afirmar:

Organizando o *Atlas histórico da Guerra do Paraguai*, e narrando simplesmente os fatos, procurei com rude e pouco exercitada pena tornar mais conhecida esta longa e terrível guerra, prestar um franco serviço ao Império do Brasil e descrever os acontecimentos debaixo do seu verdadeiro ponto de vista, fazendo sobressair as dificuldades que o soldado americano tem de vencer nas guerras deste continente.

Terrenos virgens e desconhecidos, grandes obstáculos naturais insuperáveis às vezes, um clima devorador, a falta de boas vias de comunicações, enfim, a dificuldade do sustento de um exército invasor, em um país cuja população geral e indistintamente tomara as armas em defesa do solo pátrio, vieram por em relevo aos olhos do mundo a tenacidade, a sobriedade, a humanidade e o valor do soldado americano.

O procedimento dos governos e dos generais foi sempre digno da missão de liberdade que haviam empreendido, e deu ao mundo civilizado o belo exemplo de uma guerra necessária e desinteressada, na qual se combate em virtude de um princípio, e não tendo em mente conquista de territórios.

O último passo dado pelo vitorioso Príncipe Conde D’Eu, mostra ainda mais que o Brasil quer e deve continuar a trilhar a senda de liberdade e de progresso que tão gloriosamente encetou em 1822.³⁶

A obra *Atlas histórico da Guerra do Paraguai* foi formada por plantas relativas às operações da guerra, com desenhos de alguns estabelecimentos³⁷. A essência do livro são os registros iconográficos, conforme seu próprio título indicava, ou seja, um *atlas*, publicação que contém ilustrações elucidativas de um texto, de uma área do conhecimento humano ou ainda alusivas a um determinado processo; e *histórico*, no sentido de demonstrar a relevância do evento descrito para a formação histórica, mormente a brasileira. Tal *Atlas histórico* constituiu assim uma espécie de memória cartográfica.

No que tange à memória, o livro se refere a um momento histórico que o Império pretendia perpetuar em meio à sociedade, de modo a potencializar aquilo que poderia ser considerado como uma data magna na construção de uma memória coletiva em torno do fim da guerra. A ideia era que tal evento viesse a constituir um episódio de relevância crucial na elaboração de uma cultura identitária, ainda mais em uma época na qual a comemoração apropriava-se de novos instrumentos de suporte, exercendo um grande domínio em que a política, a sensibilidade e o folclore se misturavam nas

³⁶ JOURDAN. *Guerra do Paraguai*. 1871. p. 5.

³⁷ BLAKE, v. 2, p. 271.

construções memoriais³⁸. Quanto à cartografia, a obra organizada por Jourdan é essencialmente composta de plantas e mapas, que tiveram “importância na orientação dos mais variados povos, estando presentes nos grandes momentos da história da humanidade”, não só como “instrumento de planejamento e administração”, mas também “de dominação”³⁹, servindo ainda como uma ferramenta de comunicação que visa a “dar informações ao leitor, de modo que sua mensagem possa ser entendida”⁴⁰.

De acordo com tal perspectiva, o *Atlas* orientado por Jourdan trazia consigo a intenção do Império de divulgar o triunfo sobre o Paraguai, difundindo-o em meio à memória coletiva, como um evento que deveria demarcar o panteão das “grandes datas nacionais”. A ampla predominância imagética e cartográfica vinha ao encontro de uma opção quanto à estratégia de divulgação, proporcionando ao público leitor uma forma gráfica de promover o entendimento de alguns dos lances que foram promovidos no teatro de operações do conflito bélico.

A dedicatória do livro já demonstrava seu escopo, de maneira que ela serviria para homenagear o Imperador, denominado de primeiro cidadão brasileiro e representante “da valente, sofredora e resignada parte deste heroico povo, a qual tendo de combater, durante

³⁸ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 3.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994. p. 465-466.

³⁹ DUARTE, Paulo Araújo. *Fundamentos de cartografia*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1994. p. 15.

⁴⁰ DUARTE, Paulo Araújo. *Cartografia temática*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1991. p. 24.

cinco anos um inimigo encarniçado”, em “meio dos horrores da peste e de toda a classe de privações, mostrou-se sempre digna de sua gloriosa missão”. Bem de acordo com o espírito militar, o livro era também dedicado ao exército, à armada, aos voluntários da pátria e à guarda nacional⁴¹.

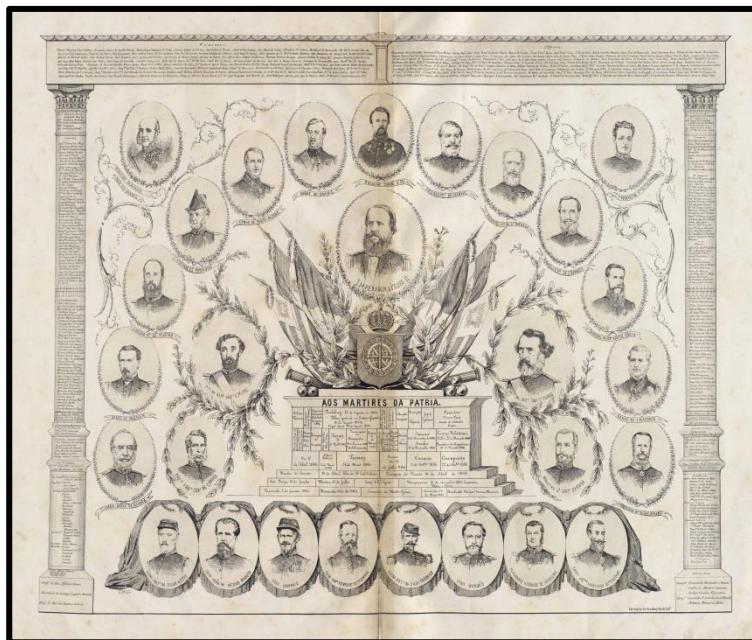
Os registros iconográficos do livro iniciavam com um conjunto de retratos, ao centro do qual aparecia o escudo imperial e os estandartes dos países que compunham a Tríplice Aliança, a qual também era representada pela presença do Imperador, em posição de maior destaque, bem ao centro, e dos presidentes da Argentina e do Uruguai. Havia também a presença de ministros de Estado no rol de retratos, mas o protagonismo era dos chefes militares, dentre eles vários sul-rio-grandenses. As colunas e o frontispício eram voltados a divulgar o nome de diversos dos combatentes, ao passo que a estrutura central era destinada à citação de várias batalhas, com a sua localização cronológica. Em reverência às vidas perdidas na campanha militar, havia uma dedicatória “Aos mártires da pátria”.

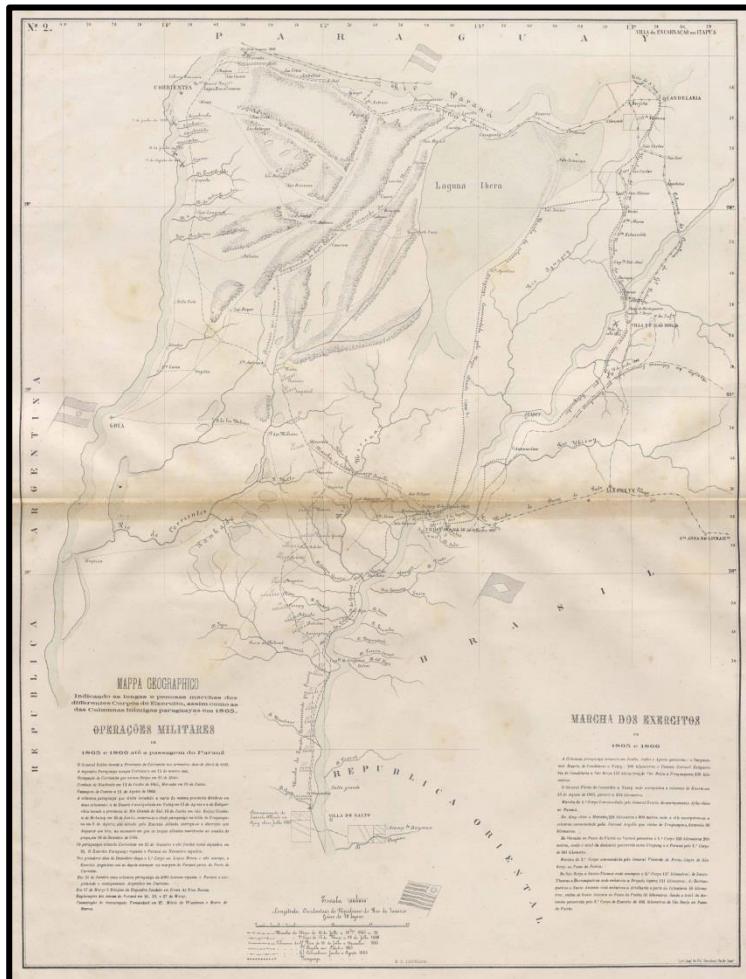
O primeiro registro cartográfico referia-se ao avanço aliado de 1865-1866, que demarcaria a inversão dos momentos bélicos, com a interiorização da guerra em meio ao território guarani. Avançando no tempo e no teatro de operações, em seguida, aparecia uma “legenda histórica de 10 de abril de 1866 a 5 de agosto de 1868”. As plantas seguintes representavam mais um avanço do exército brasileiro e duas posições importantes que foram retomadas ao invasor paraguaio em território sul-

⁴¹ JOURDAN. *Atlas histórico da Guerra do Paraguai*. 1871. p. 3.

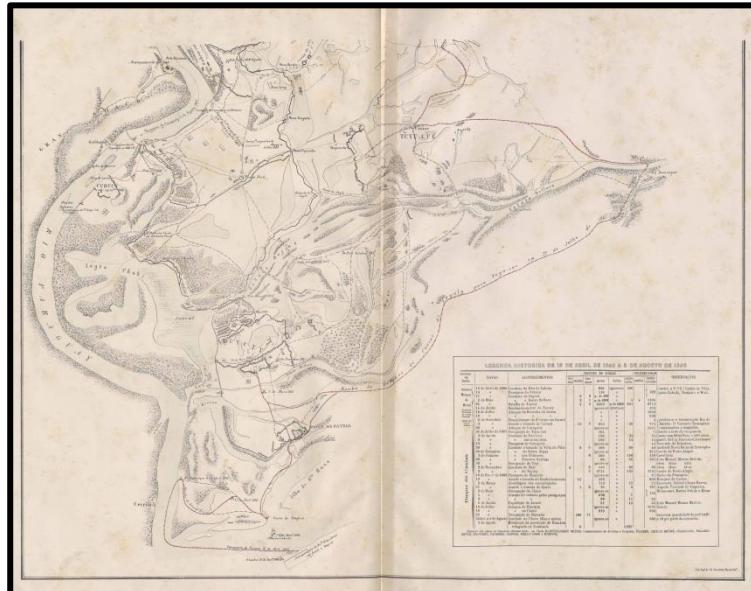
rio-grandense, correspondentes às localidades de São Borja e Uruguaiana. A próxima peça iconográfica era uma “Planta do território paraguaio”, mostrando o “teatro das operações da guerra”, desde a penetração dos aliados em terras guaranis até agosto de 1868. As movimentações em Curupaiti e Curuzu também foram representadas cartograficamente. A planta do território ocupado pelos aliados em 1866, detalhes da Batalha do Tuiuti, e uma ilustração do quartel-general brasileiro nessa localidade eram outros dos componentes do *Atlas*. Uma gravura e um registro cartográfico serviram para designar a conquista de uma posição importante em Sauce. Plantas de posições e reconhecimento das tropas brasileiras foram outros dos registros. Ilustrações e mapa trouxeram ao leitor a situação do “sítio de Humaitá”, um dos momentos decisivos da guerra. O teatro de operações em 19 de julho e entre outubro e dezembro de 1868 também se fez presente na obra de Jourdan. Outras peças cartográficas traziam o avanço das forças aliadas sobre o território paraguaio, com gravuras contendo edifícios guaranis. A planta da Campanha da Cordilheira, em agosto de 1869, mostrava mais um momento decisivo do conflito bélico. Para trazer uma visão global da campanha em terras guaranis, os dois últimos registros trazia, em duas partes, a Planta da República do Paraguai.

COMEMORAÇÕES PELO TÉRMINO DA GUERRA DO PARAGUAI NO RIO GRANDE DO SUL, EM
SANTA CATARINA, NA CORTE E EM PORTUGAL





COMEMORAÇÕES PELO TÉRMINO DA GUERRA DO PARAGUAI NO RIO GRANDE DO SUL, EM
SANTA CATARINA, NA CORTE E EM PORTUGAL

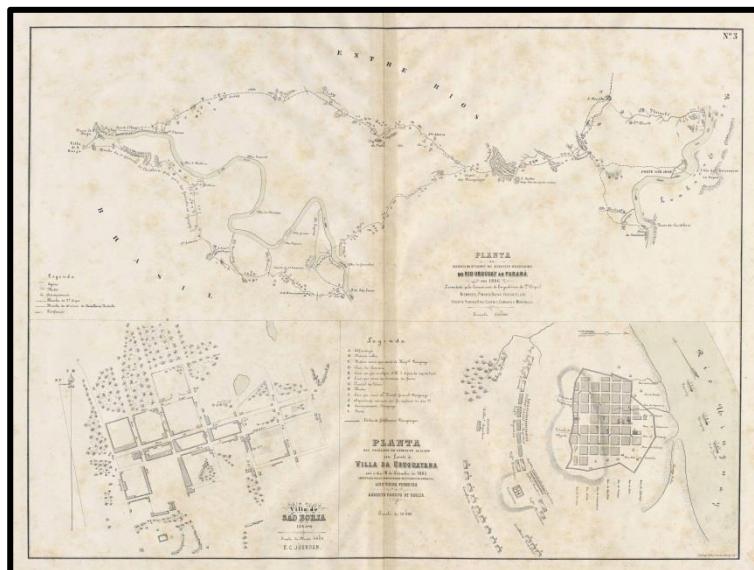


(posição original)

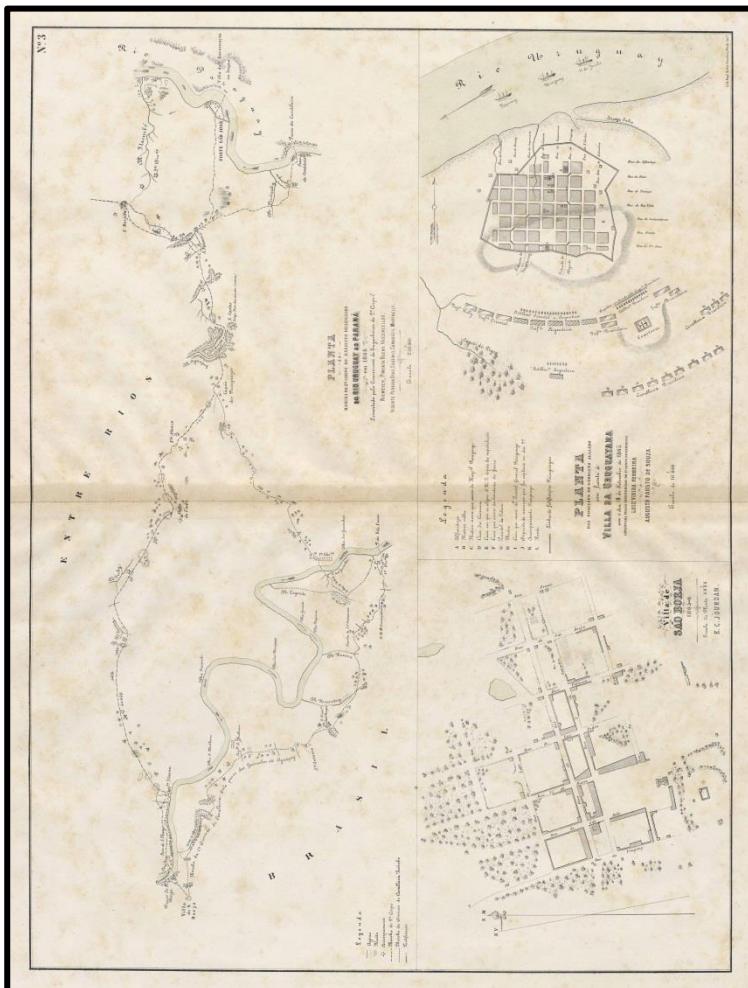


(posição invertida)

COMEMORAÇÕES PELO TÉRMINO DA GUERRA DO PARAGUAI NO RIO GRANDE DO SUL, EM
SANTA CATARINA, NA CORTE E EM PORTUGAL

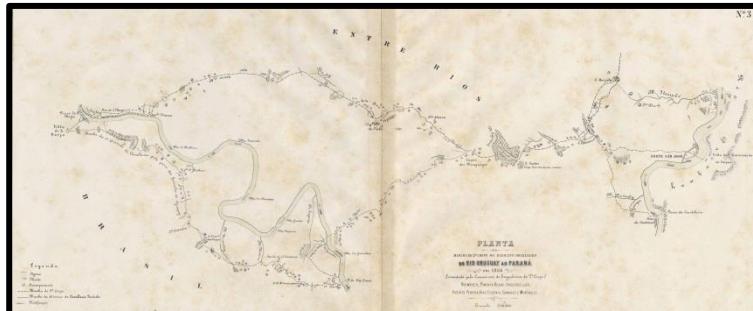


(posição original)

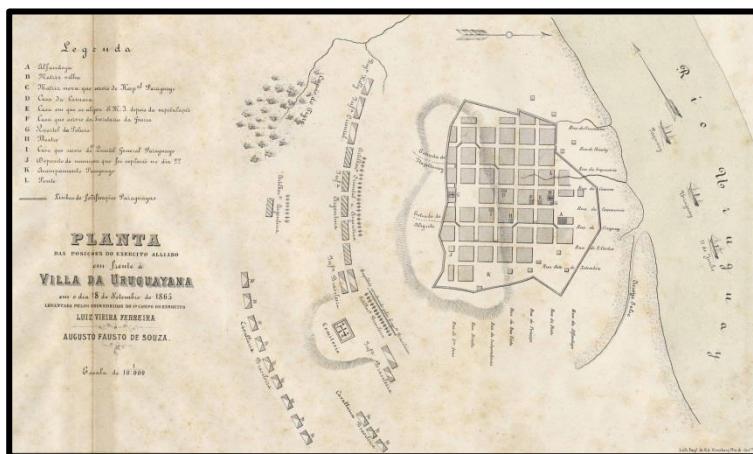


(posição invertida)

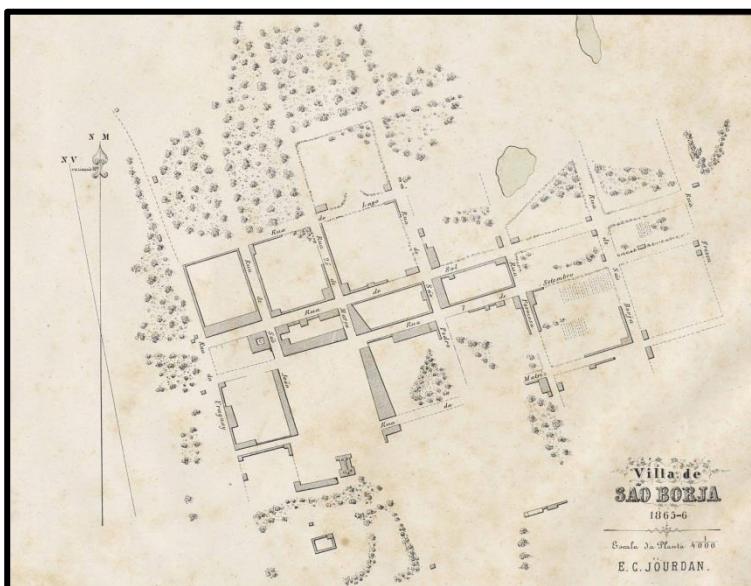
COMEMORAÇÕES PELO TÉRMINO DA GUERRA DO PARAGUAI NO RIO GRANDE DO SUL, EM SANTA CATARINA, NA CORTE E EM PORTUGAL



(detalhe)

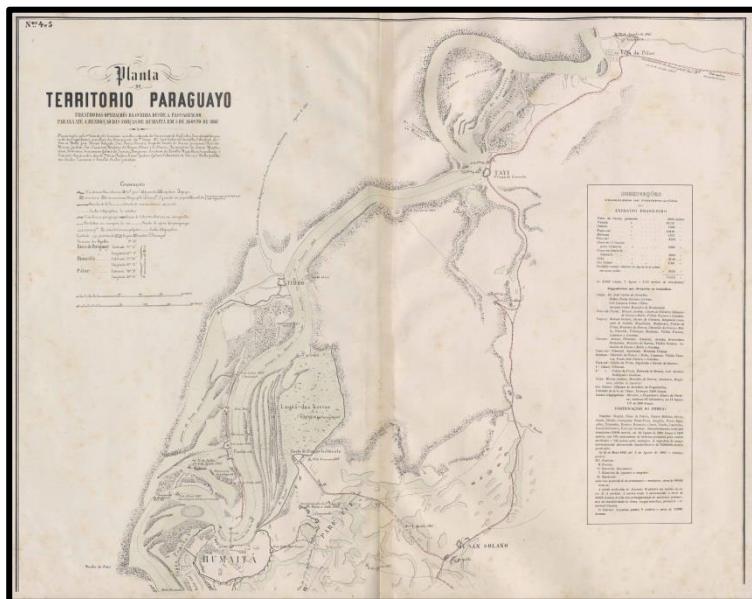


(detalhe)

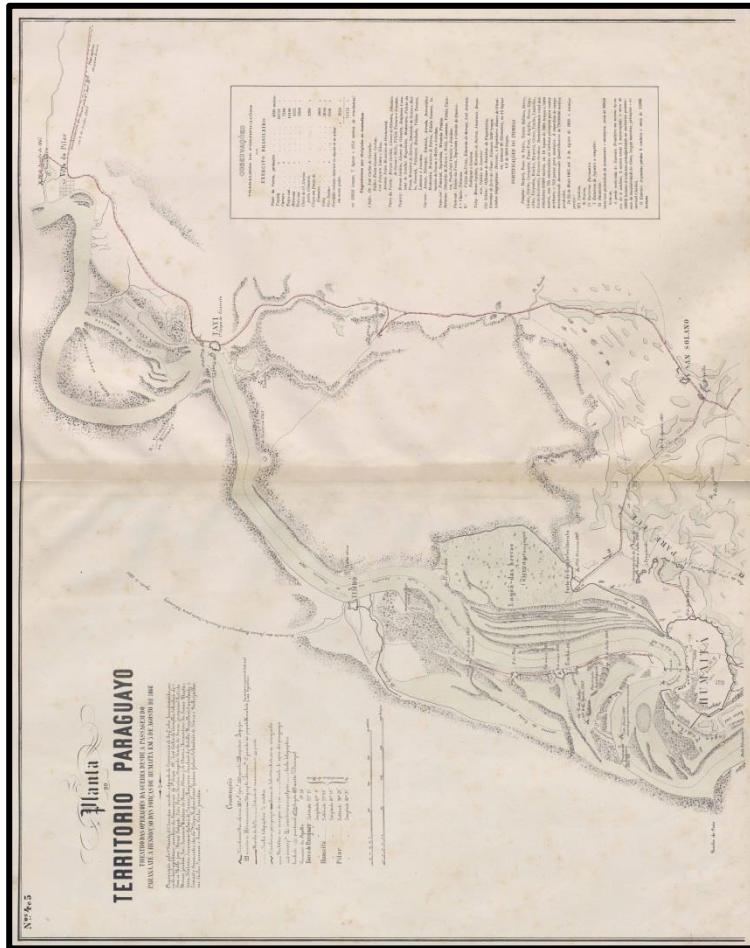


(detalhe)

COMEMORAÇÕES PELO TÉRMINO DA GUERRA DO PARAGUAI NO RIO GRANDE DO SUL, EM
SANTA CATARINA, NA CORTE E EM PORTUGAL

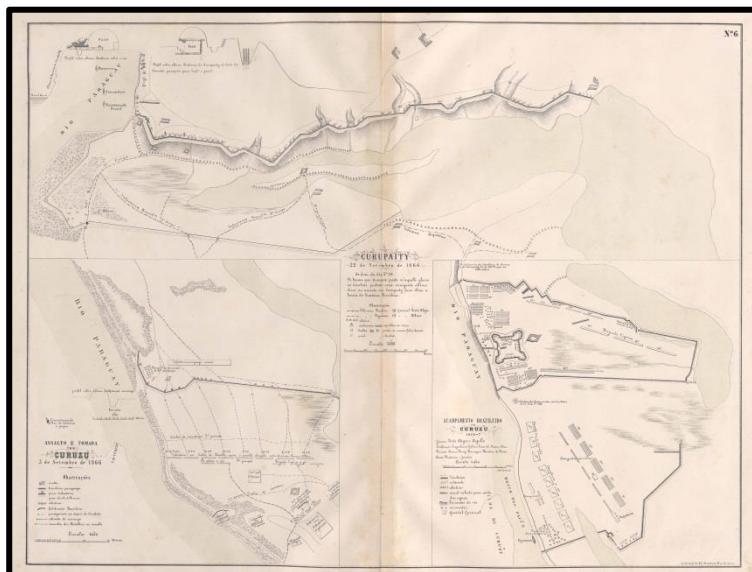


(posição original)

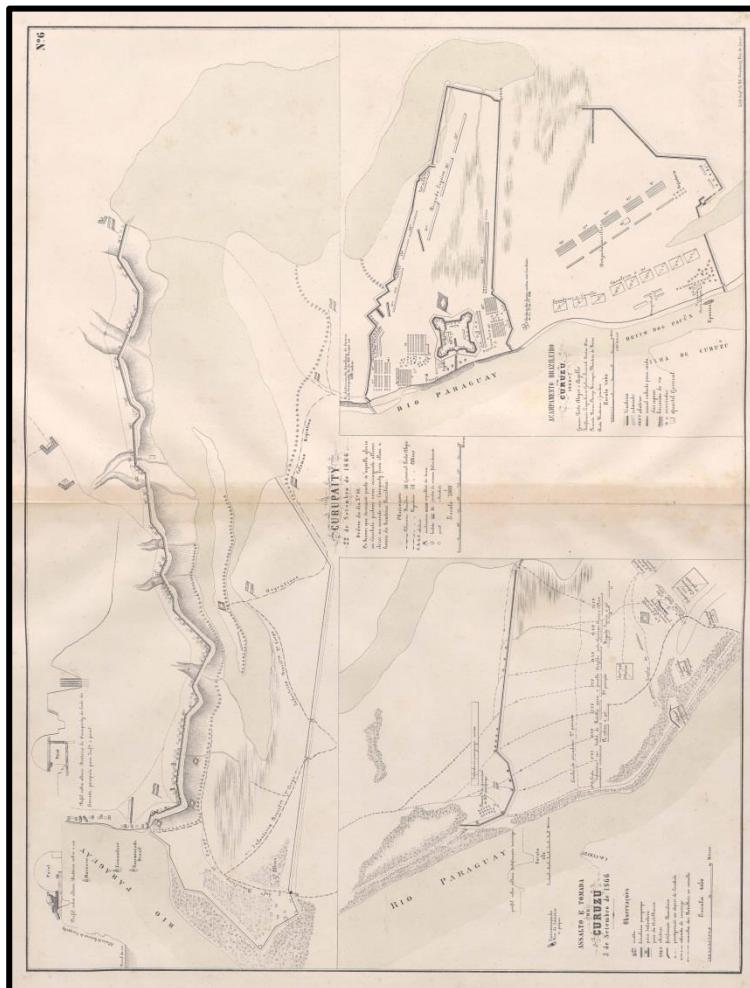


(posição invertida)

COMEMORAÇÕES PELO TÉRMINO DA GUERRA DO PARAGUAI NO RIO GRANDE DO SUL, EM
SANTA CATARINA, NA CORTE E EM PORTUGAL

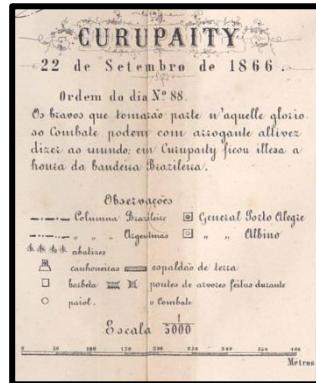
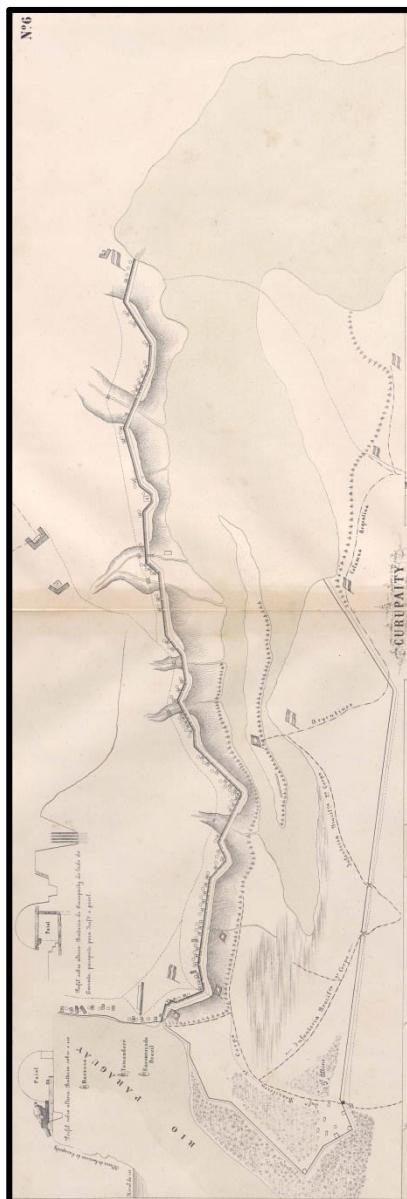


(posição original)

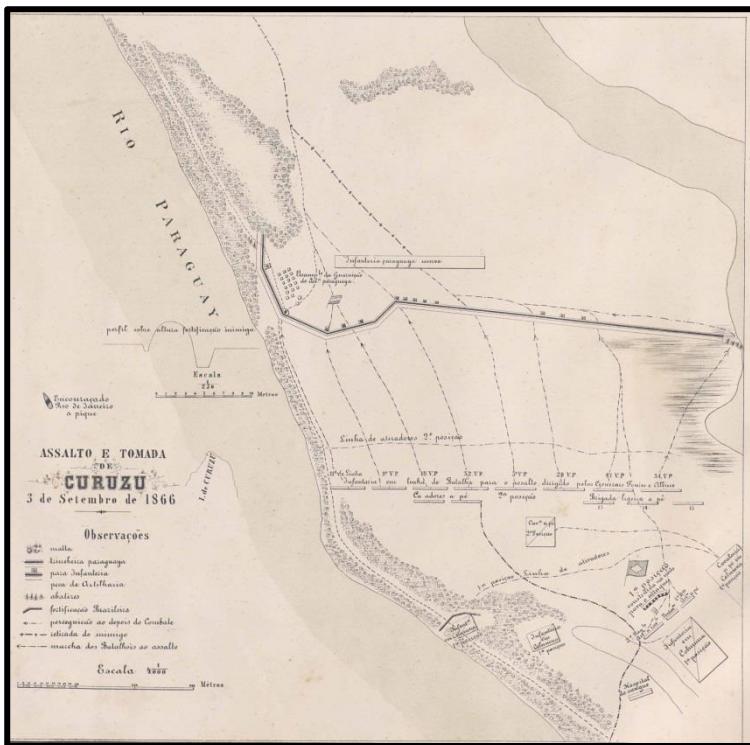


(posição invertida)

COMEMORAÇÕES PELO TÉRMINO DA GUERRA DO PARAGUAI NO RIO GRANDE DO SUL, EM SANTA CATARINA, NA CORTE E EM PORTUGAL

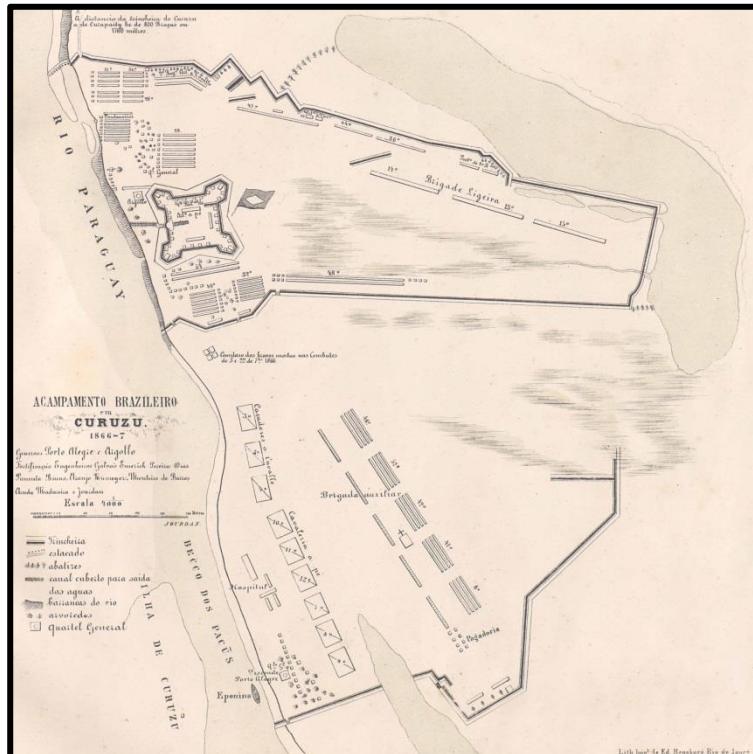


(detalhe/posição invertida)

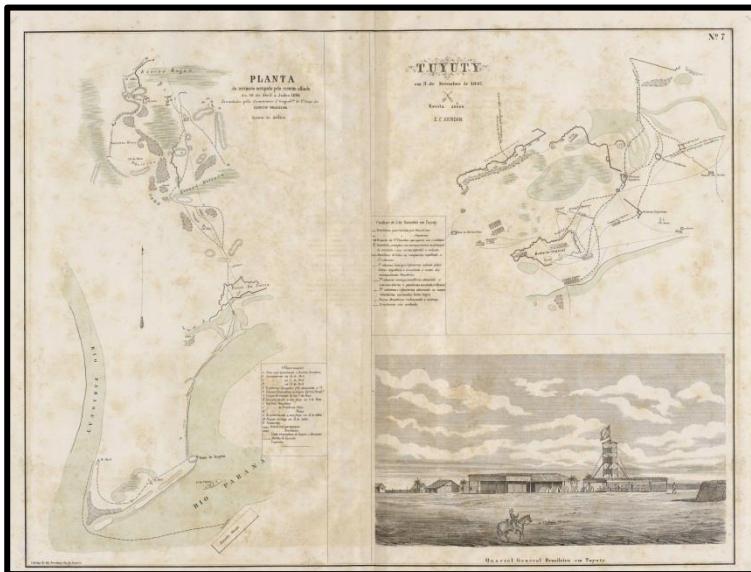


(detalhe)

COMEMORAÇÕES PELO TÉRMINO DA GUERRA DO PARAGUAI NO RIO GRANDE DO SUL, EM
SANTA CATARINA, NA CORTE E EM PORTUGAL



(detalhe)

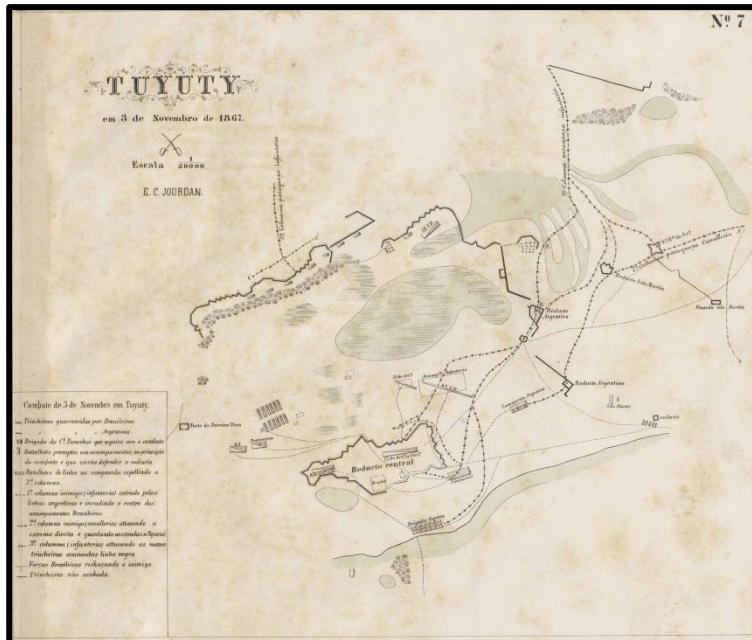


COMEMORAÇÕES PELO TÉRMINO DA GUERRA DO PARAGUAI NO RIO GRANDE DO SUL, EM SANTA CATARINA, NA CORTE E EM PORTUGAL

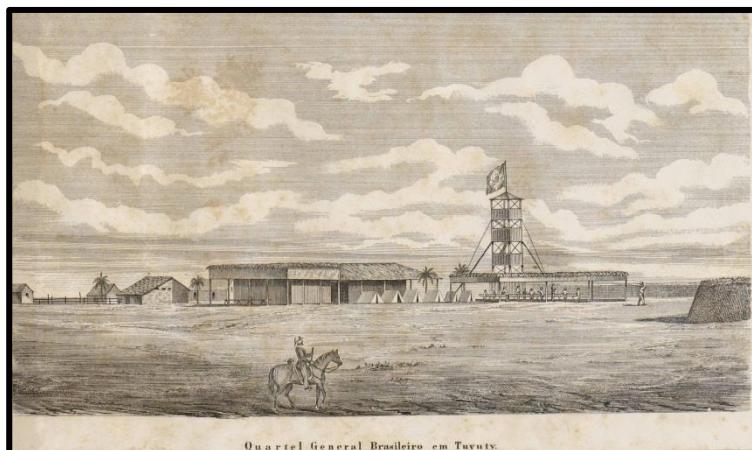


(detalhe)

Nº 7

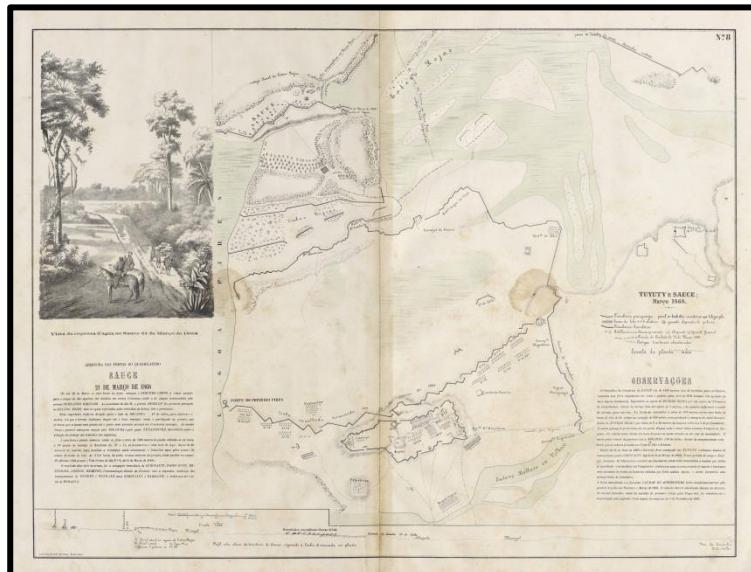


(detalhe)

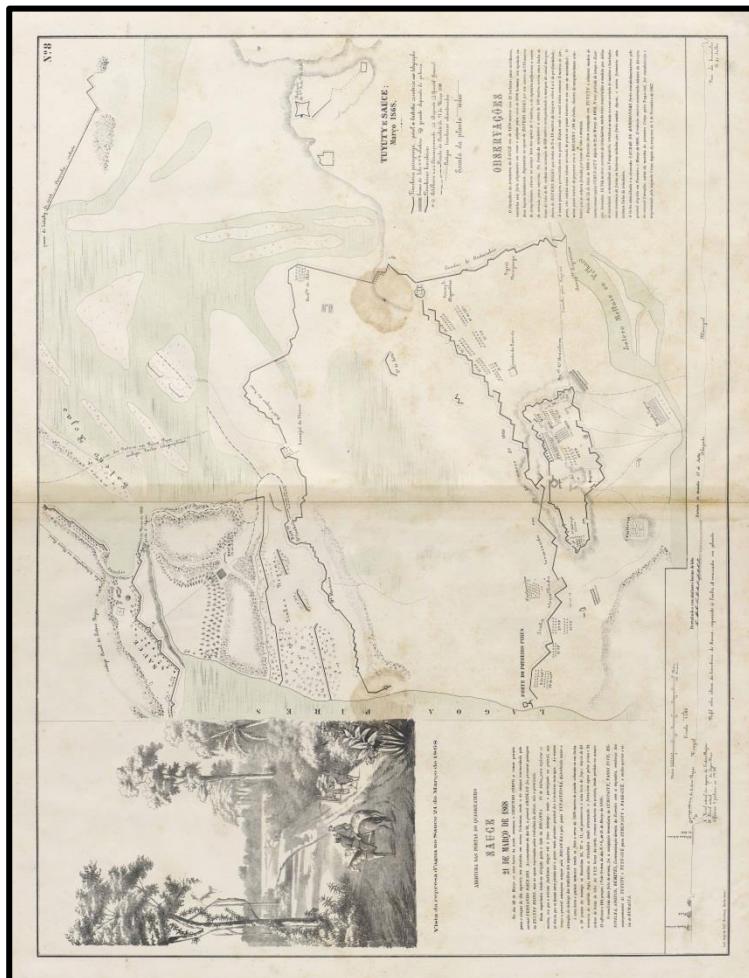


(detalhe)

COMEMORAÇÕES PELO TÉRMINO DA GUERRA DO PARAGUAI NO RIO GRANDE DO SUL, EM
SANTA CATARINA, NA CORTE E EM PORTUGAL

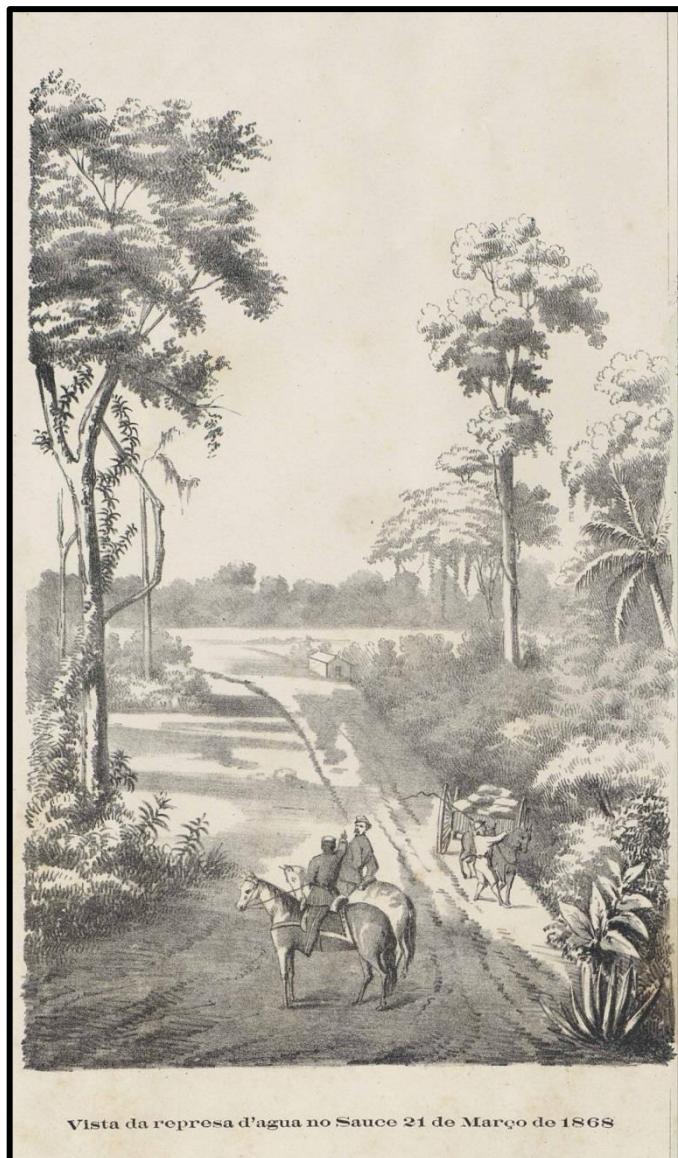


(posição original)



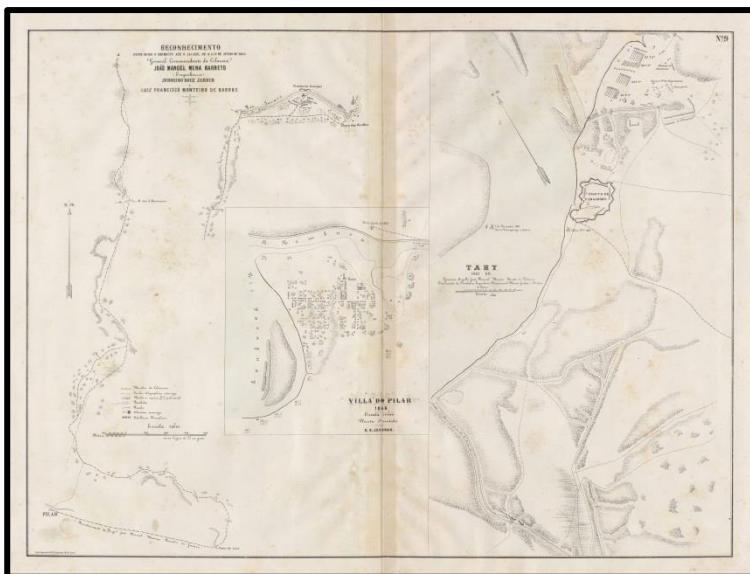
(posição invertida)

COMEMORAÇÕES PELO TÉRMINO DA GUERRA DO PARAGUAI NO RIO GRANDE DO SUL, EM
SANTA CATARINA, NA CORTE E EM PORTUGAL



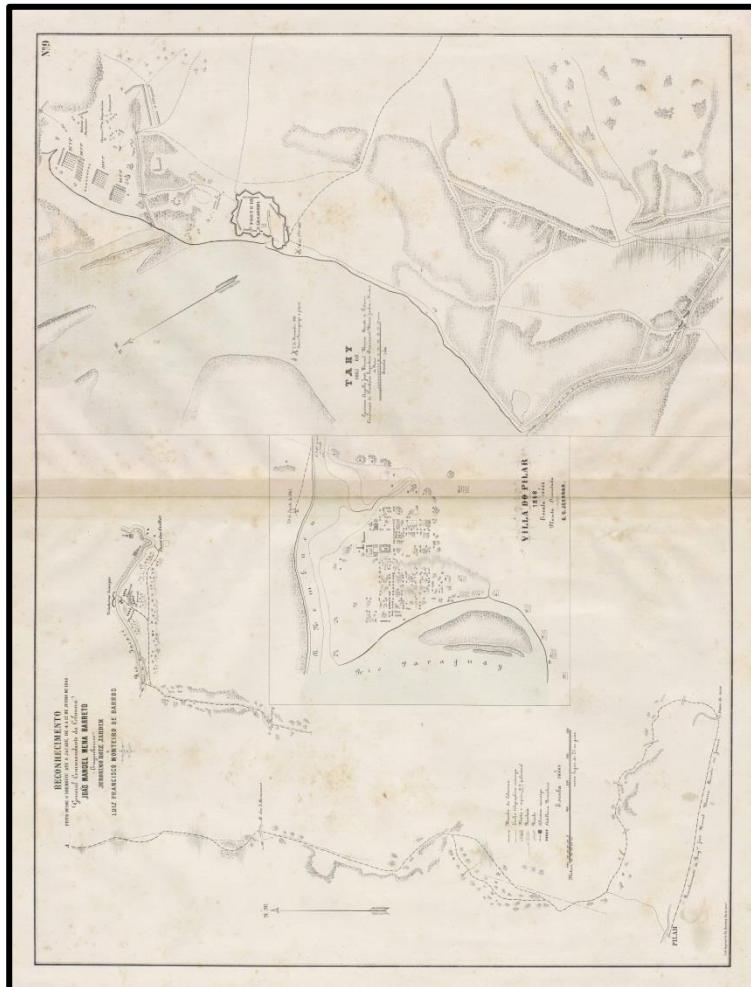
Vista da represa d'agua no Sauce 21 de Março de 1868

(detalhe)

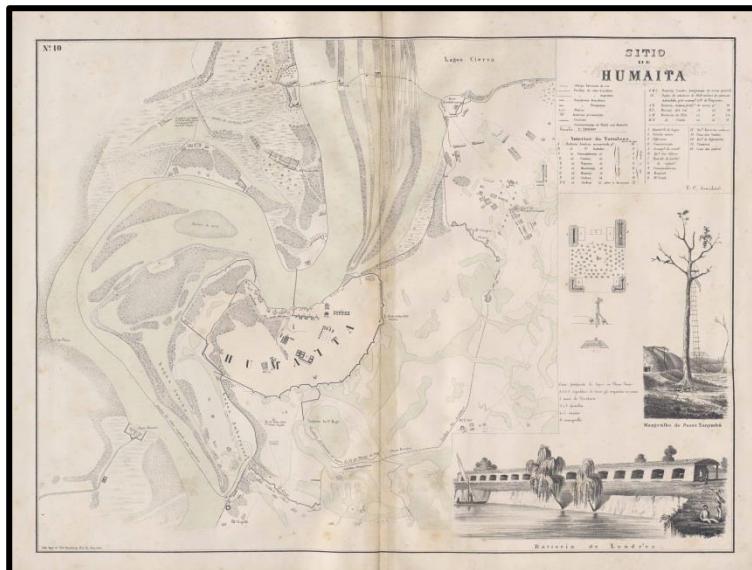


(posição original)

COMEMORAÇÕES PELO TÉRMINO DA GUERRA DO PARAGUAI NO RIO GRANDE DO SUL, EM SANTA CATARINA, NA CORTE E EM PORTUGAL



(posição invertida)



(posição original)

COMEMORAÇÕES PELO TÉRMINO DA GUERRA DO PARAGUAI NO RIO GRANDE DO SUL, EM
SANTA CATARINA, NA CORTE E EM PORTUGAL



(posição invertida)



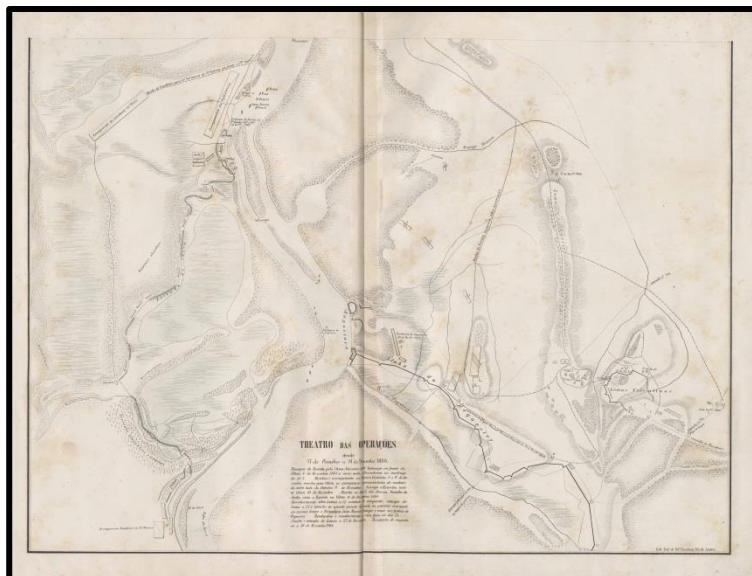
Mangrulho do Passo Tanyimbú

(detalhe)

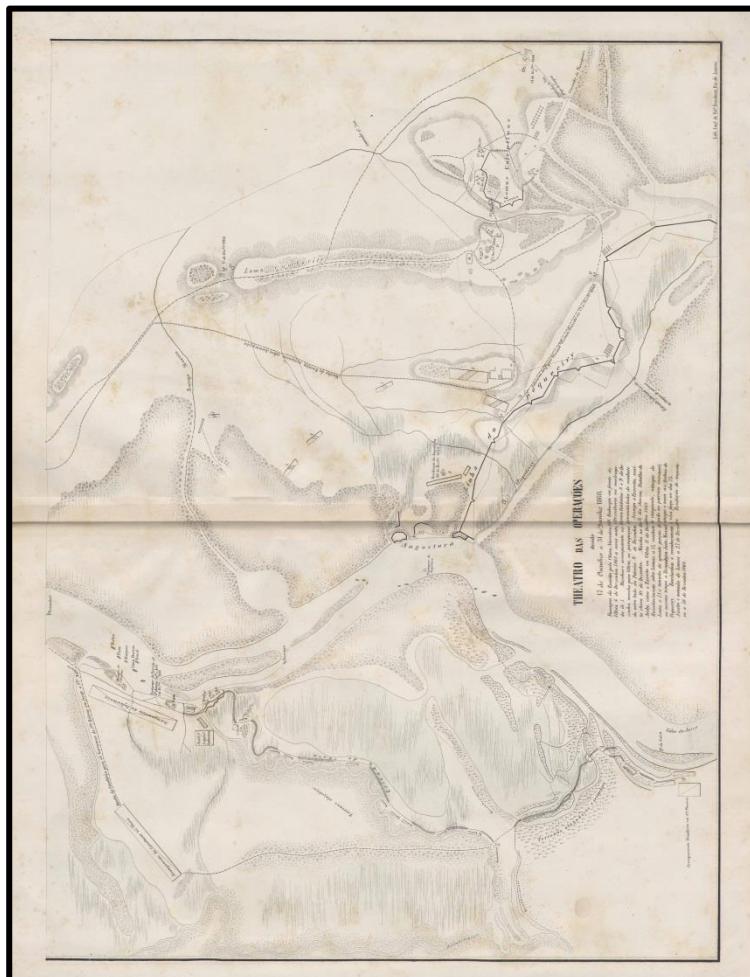
COMEMORAÇÕES PELO TÉRMINO DA GUERRA DO PARAGUAI NO RIO GRANDE DO SUL, EM SANTA CATARINA, NA CORTE E EM PORTUGAL



(detalhe)

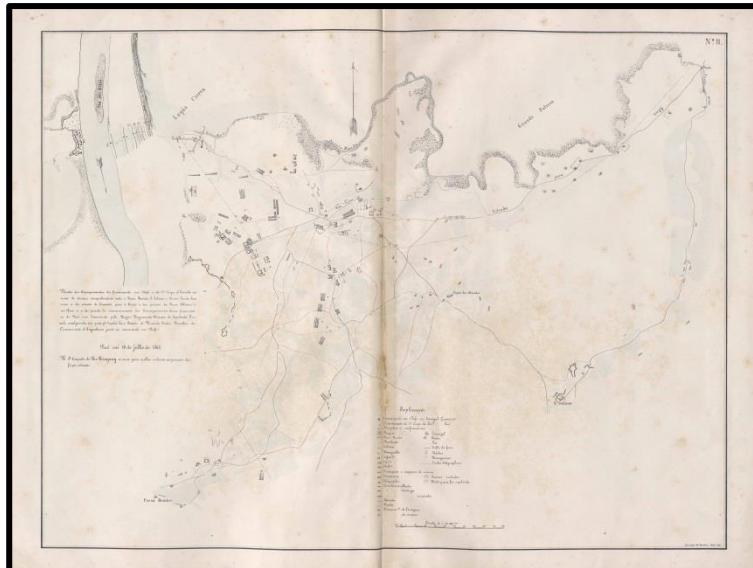


(posição original)

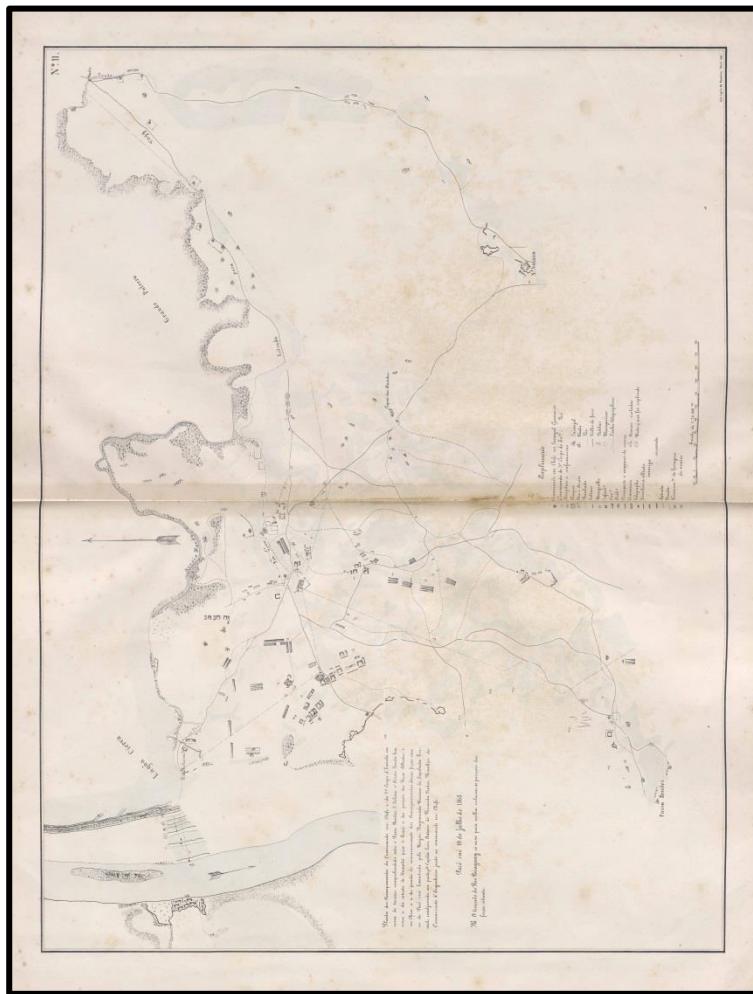


(posição invertida)

COMEMORAÇÕES PELO TÉRMINO DA GUERRA DO PARAGUAI NO RIO GRANDE DO SUL, EM
SANTA CATARINA, NA CORTE E EM PORTUGAL

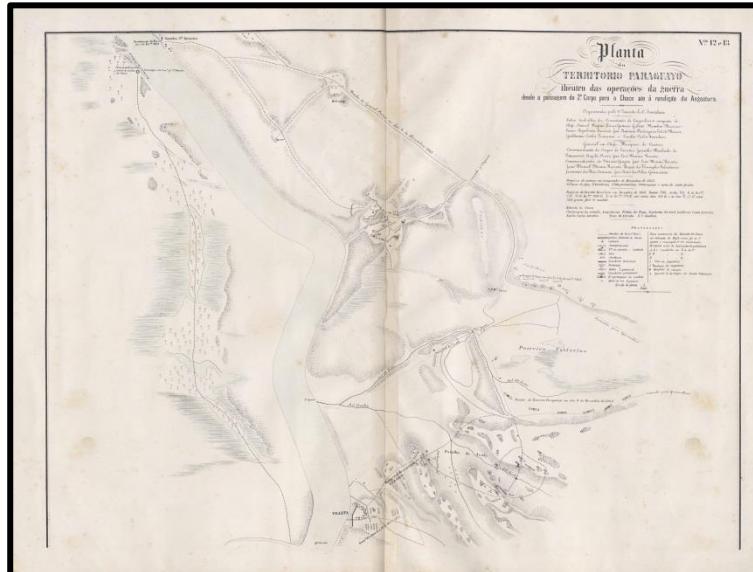


(posição original)

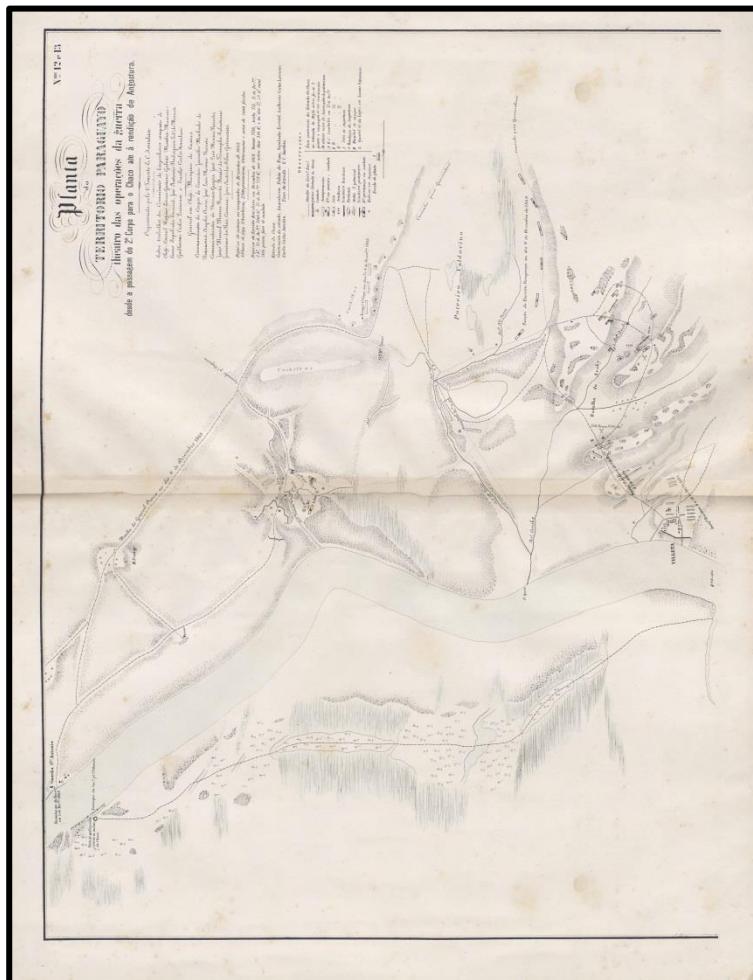


(posição invertida)

COMEMORAÇÕES PELO TÉRMINO DA GUERRA DO PARAGUAI NO RIO GRANDE DO SUL, EM
SANTA CATARINA, NA CORTE E EM PORTUGAL

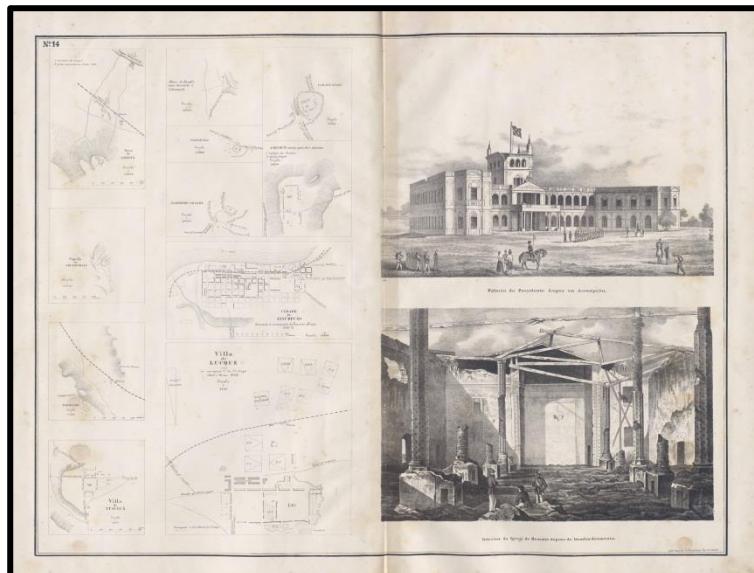


(posição original)

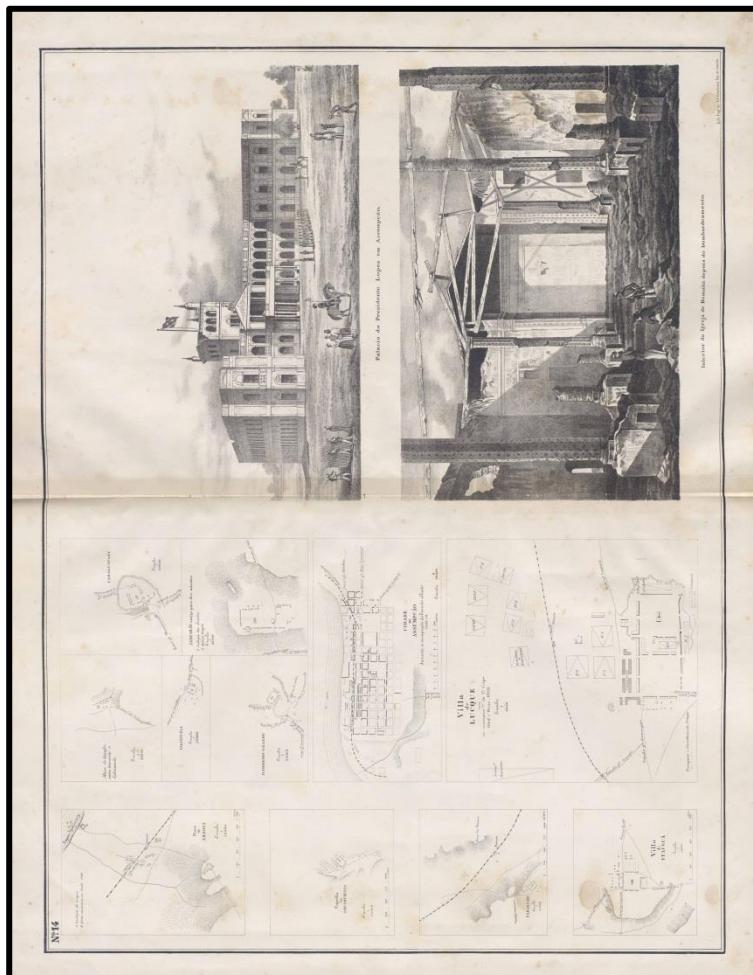


(posição invertida)

COMEMORAÇÕES PELO TÉRMINO DA GUERRA DO PARAGUAI NO RIO GRANDE DO SUL, EM
SANTA CATARINA, NA CORTE E EM PORTUGAL



(posição original)



(posição invertida)

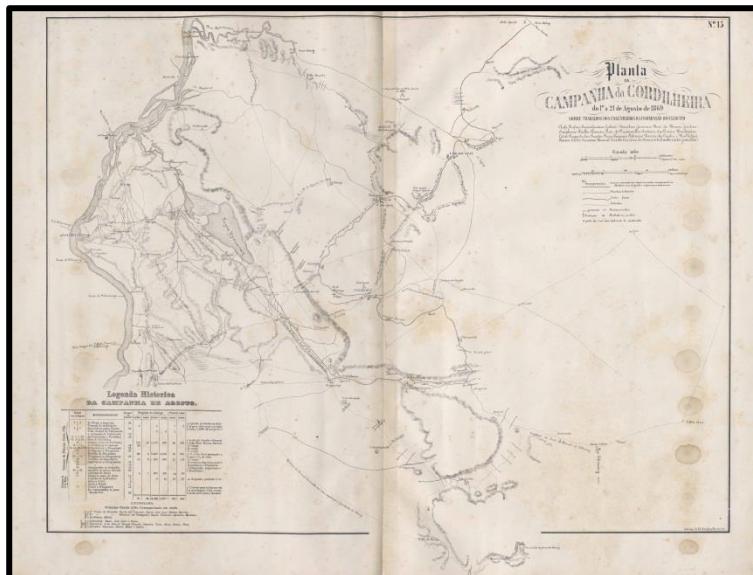
COMEMORAÇÕES PELO TÉRMINO DA GUERRA DO PARAGUAI NO RIO GRANDE DO SUL, EM
SANTA CATARINA, NA CORTE E EM PORTUGAL



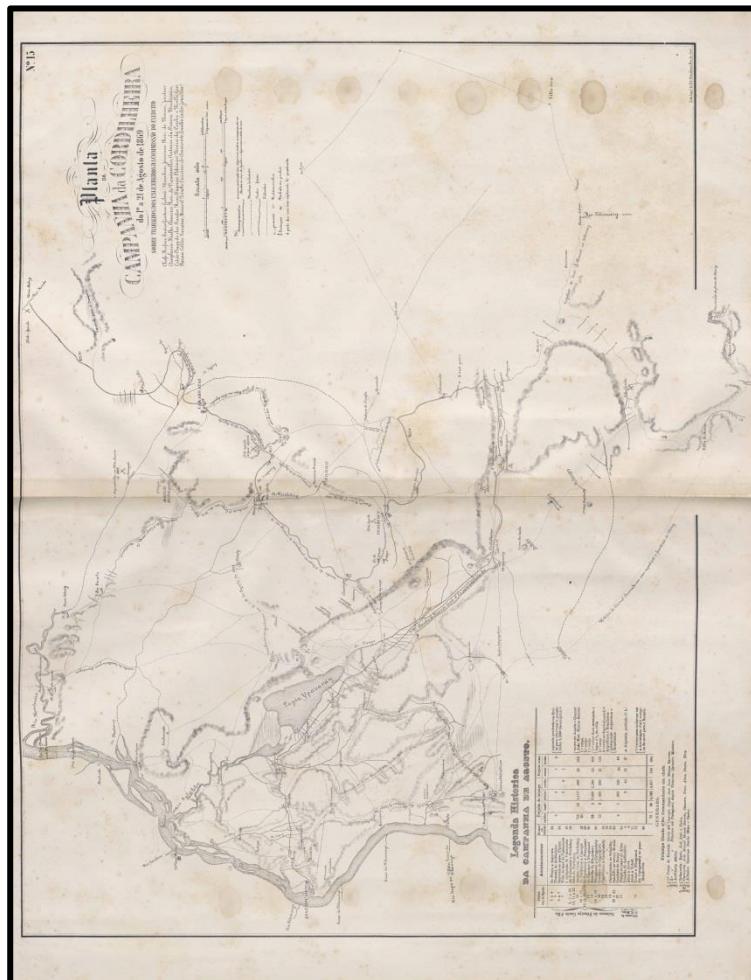
(detalhe)



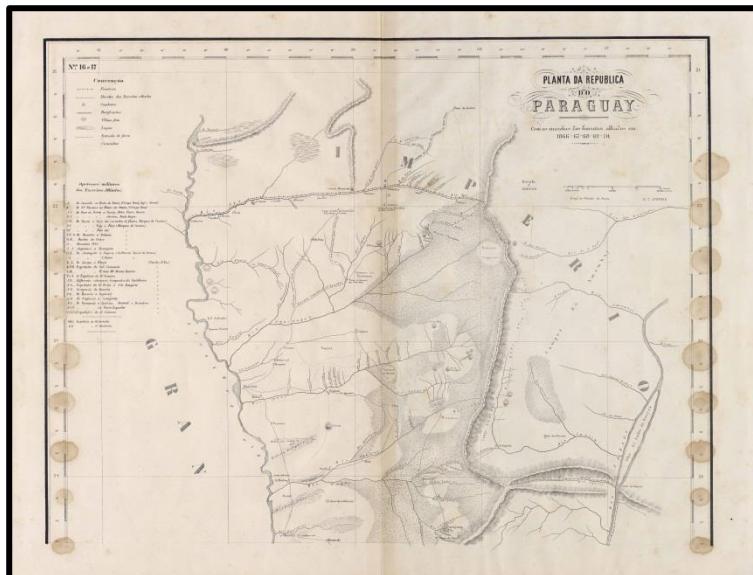
(detalhe)



(posição original)

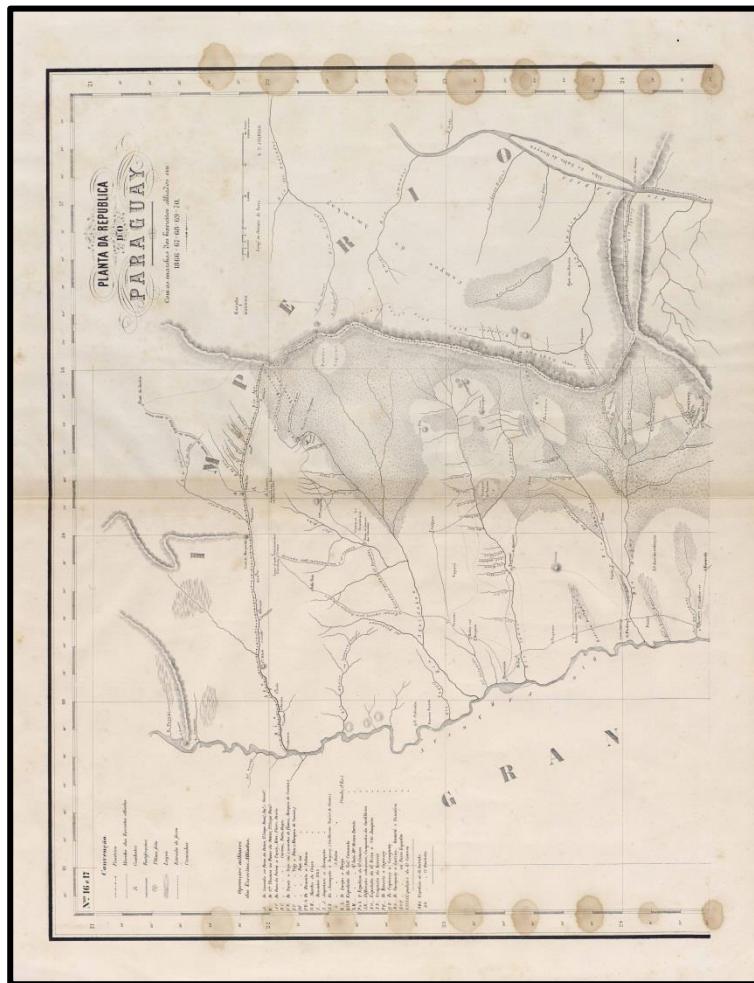


(posição invertida)



(posição original)

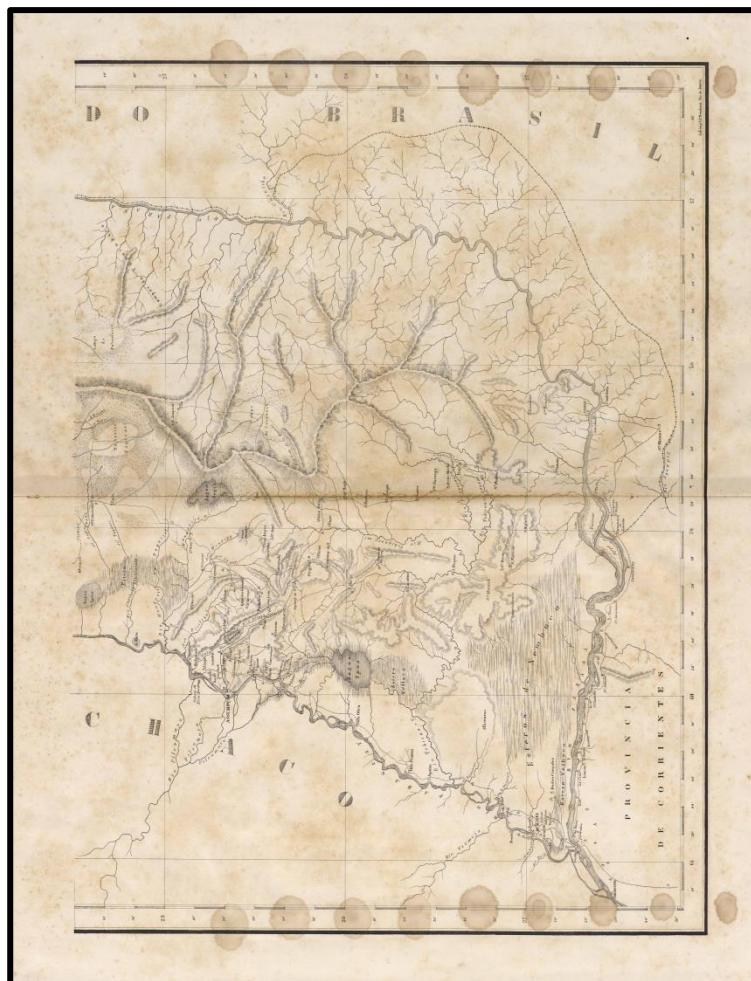
COMEMORAÇÕES PELO TÉRMINO DA GUERRA DO PARAGUAI NO RIO GRANDE DO SUL, EM SANTA CATARINA, NA CORTE E EM PORTUGAL



(posição invertida)



(posição original)



(posição invertida)

Para além desses registros cartográficos, na outra obra alusiva ao encerramento do conflito, já ao final do livro *A Guerra do Paraguai*, Jourdan, assinalando mais uma vez o ano de 1870, como o de escritura daquela

edição, dava a sua impressão a respeito da conclusão da Guerra da Tríplice Aliança, considerada como uma vitória de uma “patriótica liberdade” contra uma “tirania”:

A morte do tirano e o aprimoramento de seus últimos sequazes constitui um triunfo sem par, triunfo que devemos à previdência e à estratégia do general em chefe, à audácia e atividade do general Câmara e ao zelo com que eram-lhe incessantemente subadministrados os meios de mobilidade pelo marechal de campo Vitorino Carneiro Monteiro.

Assim terminou a longa e sanguinolenta luta, em que se empenharam três nações para extirpar a tirania do Sul da América.

Entre elas, destaca-se o vulto gigantesco do Império, cujas profundas feridas, abertas por cinco anos de sacrifícios enormes, reclamam sérios remédios para cicatrizarem!

Mais de 100.000 de seus valentes filhos, maram nas legendárias sepulturas, a senda gloriosa da santa cruzada, em prol da qual pelejaram três povos irmãos, contra a tirania que humilhava outro.

Imensos cabedais esgotaram-se na porfiada luta; mas o Brasil, em compensação de tão graves males, convenceu-se de que não há fraqueza para as nações, quando o brio e o patriotismo constituem uma fonte perene de meios próprios a empregar-se.

Falam bem alto, a esquadra e o exército que apresentamos, poucos meses depois da provocação, com que o estrangeiro ousado ferira

o país, que felizmente pode e soube desafrontar-se.

Os restos gloriosos das heroicas legiões de voluntários da pátria voltaram aos seus lares cobertos de louros e das bênçãos da nação; e restituindo à lavoura e à indústria os braços, que a guerra lhes arrebatara, vêm no remanso da paz provar que não são menos úteis ao país no labor da vida pacífica, do que foram defendendo-lhe os direitos na guerra.⁴²

O autor também estabelecia um diagnóstico a respeito dos resultados advindos do confronto internacional para cada um de seus participantes:

A República Argentina, enriquecida pela colonização que afluiu a suas plagas e pelo extraordinário movimento comercial, de que foi teatro o Rio da Prata, em consequência da guerra, cresceu de importância.

À República Oriental, bem que em menor escala que à sua vizinha, também foram de bastante proveito os acontecimentos que prejudicaram o Brasil durante cinco anos!

Enquanto ao Paraguai, depois de uma guerra de extermínio, movida pelo orgulho de seu ditador, longo e vagaroso deve ser o seu caminhar para um futuro próspero: tal é o estado em que o deixa a tremenda luta que o prostrou.

Não obstante, dos poucos e dispersos membros que restam da outrora numerosa família paraguaia, forma-se um novo governo, que parece francamente querer entrar na era de

⁴² JOURDAN. *Guerra do Paraguai*. 1871. p. 156-157.

liberdade, que se abriu ao seu desgraçado país, abolindo a escravidão que ainda ali existia!

A iniciativa tomada pelo generoso Príncipe, comandante em chefe das forças brasileiras, em assunto de tanta magnitude, foi uma solene promessa por ele feita ao mundo e ao Império, de que buscará conseguir para sua pátria adotiva a extinção de uma úlcera hedionda, de um mal que, sendo um dique formidável à torrente franca de emigração, torna estacionário o desenvolvimento da indústria e da lavoura, reais riquezas, que não podem crescer e medrar sem o trabalho do homem que tem aspirações, sem o amparo nobre e vigoroso de braços livres.⁴³

Desse modo, Emílio Carlos Jourdan viria a possuir um papel relevante nas atividades de celebração do Império acerca do encerramento da Guerra contra o Paraguai. Militar com participação ativa no conjunto da campanha em território guarani, o autor viria a ter também uma função intelectual no registro dos acontecimentos de modo a contribuir com o processo de fixação na memória social dos mesmos e, fundamentalmente, da vitória brasileira. Nesse sentido, Jourdan atuou entre os criadores e os denominadores da memória coletiva, levando em conta estados, meios sociais e políticos, comunidades de experiências históricas ou gerações, induzidas a constituir os seus arquivos em função dos usos diferentes que fazem da memória⁴⁴. Ainda que existisse certa necessidade de

⁴³ JOURDAN. *Guerra do Paraguai*. 1871. p. 156-157.

⁴⁴ LE GOFF, p. 473.

conhecimentos específicos, os registros cartográficos/iconográficos – que seriam associados aos textuais na outra obra pelo autor realizada – traziam consigo uma mensagem resultante de uma associação de ideias a um ou mais estímulos⁴⁵, os quais serviam como um atrativo para o público ao traduzir cinco anos de lutas, longos deslocamentos, batalhas sangrentas e árduas conquistas territoriais, em um conjunto de representações imagéticas.

⁴⁵ DUARTE, 1991, p. 25.

Uma homenagem lusitana ao término do confronto bélico no Paraguai

Mesmo depois da independência política do Brasil, as inter-relações luso-brasileiras permaneceram intensas. Aos vínculos concernentes à formação histórica em comum, às tradições, ao idioma, aos usos, hábitos e costumes somavam-se os interesses de natureza política, com a identidade na forma de governo e na dinastia reinante; econômico-financeira, com as lides mercantis e as trocas de capital; e mesmo social, tendo em vista a crescente colônia portuguesa estabelecida em vários pontos do território do Império, bem como a presença de brasileiros em Portugal. Tais interações também se estabeleceram enfaticamente no campo intelectual, com escritores e pensadores de ambas as nacionalidades interagindo recorrentemente.

Assim, no contexto das influências recíprocas brasileiro-lusitanas houve “uma particular disponibilidade e uma especial atenção” quanto “a assuntos implicando qualquer uma das margens do Atlântico, a começar pelos acontecimentos políticos registrados em ambos os países”. Nesse sentido, “seja qual for a óptica considerada”, fica estabelecida “a impressão do conhecimento mútuo” que, mormente “no âmbito intelectual, a cultura portuguesa e a brasileira” pareciam “cultivar um canal informativo eficaz e a

possibilidade do estabelecimento de pontes e linhas de contato”⁴⁶.

Por ocasião da Guerra do Paraguai, “Portugal enviou à zona conflagrada divisão naval com ordens de manter estrita neutralidade diante do conflito e apenas intervir caso exigisse a proteção de seus súditos”. Durante o conflito, chegou a ocorrer o recrutamento de lusitanos para lutar junto das forças imperiais, bem como a invasão do consulado português em Assunção por tropas brasileiras, por ocasião da tomada da capital guarani, atos que geraram protestos diplomáticos lusitanos, que não chegaram a promover maiores fricções nas relações luso-brasileiras⁴⁷. O encerramento do confronto bélico platino seria noticiado e saudado em Portugal, notadamente por meio da imprensa lusa, que teve nos acontecimentos brasileiros uma pauta frequente.

Uma saudação pelo fim da luta entre a Tríplice Aliança e o Paraguai, na conjuntura lusitana, ocorreu na forma da publicação de um livreto, intitulado *Homenagem à nação brasileira pela terminação da Guerra do Paraguai*, editado em Lisboa, ainda no ano de 1870⁴⁸. O opúsculo era assinado por Fernando Tomás Brito, um

⁴⁶ PAREDES, Marçal de Menezes. *Configurações luso-brasileiras: fronteiras culturais, demarcações da História e escalas identitárias (1870-1910)*. Coimbra: Novas Edições Acadêmicas, 2013. p. 17.

⁴⁷ CERVO, Amado Luiz. O século XIX. In: CERVO, Amado Luiz & MAGALHÃES, José Calvet de. *Depois das caravelas: as relações entre Brasil e Portugal (1808-2000)*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2000. p. 133.

⁴⁸ BRITO, Fernando Tomás. *Homenagem à nação brasileira pela terminação da Guerra do Paraguai*. Lisboa: Tipografia Universal, 1870.

padre português que atuou como tesoureiro na igreja paroquial de N. S. da Encarnação de Lisboa. Além de clérigo, dedicou-se também à escrita, publicando, em 1866, *Catecismo da doutrina cristã e orações necessárias a todo o cristão, coordenadas, ampliadas e acomodadas à inteligência dos meninos*. Além disso, foi colaborador eventual do *Diário de Notícias*, no qual inseriu várias correspondências e artigos de sua autoria⁴⁹.

O livreto contava com versos de autoria de Mendes Leal, reconhecido intelectual português. José da Silva Mendes Leal Júnior (1820-1886) foi bibliotecário-mor da Biblioteca Nacional de Lisboa, deputado às Cortes em 1851 e 1858. Atuou como conselheiro, ministro e secretário de Estado, bem como enviado extraordinário e ministro plenipotenciário em Paris e Madri. Era sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa, membro do Conservatório Real, sócio das Sociedades de Geografia de Lisboa, Paris e Londres, e de outras associações científicas e literárias de Portugal e Brasil. Foi comendador e grã-cruz de várias ordens portuguesas e estrangeiras. Escreveu para diversos representantes da imprensa periódica⁵⁰.

Dentre a vasta obra de Mendes Leal, destacam-se na dramaturgia: *Os dois renegados*, *O homem da máscara negra*, *A pobre das ruínas*, *D. Maria de Alencastro*, *O pajem*

⁴⁹ SILVA, Inocêncio Francisco da. *Dicionário bibliográfico português*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1870. t. 9, p. 219.

⁵⁰ SILVA, Inocêncio Francisco da. *Dicionário bibliográfico português*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1860. t. 5, p. 127-133.; e SILVA, Inocêncio Francisco da & ARANHA, Pedro Wenceslau de Brito. *Dicionário bibliográfico português*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1885. t. 13, p. 209-212.

de Aljubarrota, O Caçador, Madre-Silva, Teatro de José da Silva Mendes Leal Júnior, Quem porfia mata caça, Os homens de mármore, Os homens de ouro, A herança do chanceler, Pedro, A pobreza envergonhada, Alva estrela, O tio André que vem do Brasil, Receita para curar saudades, A escalada social, O braço de Nero, Marino Faliero, Os últimos momentos de Camões, Egas Moniz e Os primeiros amores de Bocage; na poesia: Epicédio à morte do Exmo. Sr. Francisco Manoel Trigoso de Aragão Morato, Epidécio à morte do Sr. João da Silva Braga, Epidécio à morte do Sr. conselheiro José Francisco Braacamp, Dois sonetos, Outro soneto, O trovador, Esposa!, Trovas do segundo ato do drama Ausenda, Ode anacreôntica, A história do menestrel, Soneto, no cemitério dos Prazeres, A viração da tarde, Fragmentos das cenas, A Rosa Branca, Ave Cesar!, Flebilis ille!, A minha musa, Suspiros de abril, A vaca perdida, Meditação sobre a paixão de Cristo, A alcachofra, Tristeza entre alegrias, Romance da infanta de Granada, O meu segredo de primavera, Desejos, Christus est sepultus, A canção do pirata, Christus rex, A manhã de um belo dia, Glória e saudade, Diomedes e Heitor, O pavilhão negro, A cruz e o crescente, Indianas, Napoleão no Kremlin, Gutemberg!, Vision, Cinco de maio e Poesias diversas; romances: Um sonho na vida, A estátua de Nabuco, A flor do mar, O infante santo, Por bem querer, mal haver, Não vale a lição mil doblas?, Os irmãos Carvajales, O que foram portugueses, Inês de Castro - No mosaico?, Memórias insulanas, O Calabar, Cenas da guerra peninsular e Amostra de um grande dia; e no campo dos estudos históricos e biográficos: Elogio histórico do Conde de Sabugal, Elogio histórico do Visconde de Almeida Garrett, Manuel Maria da Silva Bruschi, José Jorte Loureiro, História da guerra do

*Oriente, Esboços e perfis, O Conde de Tomar e o Duque de Saldanha, As irmãs da caridade e Monumentos nacionais*⁵¹.

O livro *Homenagem à nação brasileira pela terminação da Guerra do Paraguai* era dedicado “à Sua Majestade Imperial, o Senhor Dom Pedro II, Imperador Constitucional do Brasil”, sendo promovido “em nome da Escola Caridade e da Associação de Beneficência da Freguesia de N. Senhora da Encarnação de Lisboa” e assinada pelo padre Fernando Tomás de Brito. Com forte espírito religioso, o livreto agradecia a Deus por haver “feito cessar o terrível flagelo da guerra, que, durante mais de cinco anos, inundou de sangue e talou de cadáveres as margens do Prata”. O texto trazia um breve histórico do Brasil, desde o descobrimento até a independência, com ênfase aos laços luso-brasileiros. Em seguida, também historiava a formação histórica paraguaia, dando destaque às “ditaduras” de Francia e Lopez. Também houve referência à guerra realizada pelo Brasil contra a Argentina de Rosas e, quanto ao conflito da Tríplice Aliança, o mesmo foi denominado de “guerra de titãs de que o povo português conhece os mais importantes sucessos, e de que agora se celebra o termo”, na qual as forças brasileiras tiveram “dias de glória e combates”⁵².

⁵¹ SILVA, 1860. t. 5, p. 127-133.; e SILVA & ARANHA, 1885. t. 13, p. 209-212.

⁵² BRITO, 1870, p. 7-9.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

HOMENAGEM

À

NAÇÃO BRAZILEIRA

PELA TERMINAÇÃO

DA

GUERRA DO PARAGUAY



LISBOA

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES

IMPRESSOR DA CASA REAL

Rua dos Calafates, 110

1870

A publicação descrevia que, “em cinco anos o Brasil mandou ao teatro da guerra mais de 100.000 homens, dos quais as batalhas, as fadigas e a peste dizimaram metade”, tendo também gasto “cerca de 700:000 contos de réis”, bem como “elevou os impostos de 50:000 a 90:000 contos, e aumentou a sua dívida interna e externa”. Ressalva que, entretanto, “o povo e os partidos conservaram-se tranquilos, depondo sempre seus ódios, quando se tratava da guerra e das finanças”, pois “era fito geral a paz do Império e a honra de suas armas”. Segundo o opúsculo português, “a guerra, esse monstro sanguinário e homicida, flagelo terrível de que o destino não quer libertar a humanidade” dera, “todavia, resultados vantajosos àquelas nações”, os quais seriam “os principais”: o de “libertar um povo escravo do seu ditador”; o de “abrir a navegação dos rios e beneficiar o comércio”; e o de “fundar a paz permanente, aniquilando um governo militar que ameaçava os vizinhos constantemente”. Em conclusão, a apresentação da *Homenagem à nação brasileira pela terminação da Guerra do Paraguai* dizia que “a paz vai dar ao Brasil novos elementos de força e de grandeza”, de maneira que “portugueses e brasileiros se congratulam por tão feliz sucesso”. Finalmente, para aliar-se ao conjunto de comemorações pelo fim do confronto bélico, o livreto se propunha a apresentar “o inspirado poema que o Sr. Mendes Leal dedicou a tão alto assunto”⁵³. Tal composição poética denominava-se “Congratulação fraterna! (À nação brasileira)”, a qual era composta por seis partes.

⁵³ BRITO, 1870, p. 9-10.

Na primeira parte, Mendes Leal voltava seus versos a promover reflexões acerca dos malefícios da guerra:

É sem conforto o mal, ai! tudo o mal devora,
Quando estoira o vulcão das lutas fratricidas,
E do campo, onde em flor caem messes e vidas,
Rompe o incêndio voraz, ensanguentada aurora!

Tudo em nós se confrange! O ferro que extermina
Sacrílego fulgiu da família no meio!
Pelas brechas do lar, pelos rasgões do seio
Entra o sinistro horror da paternal ruína!

Triste, o próprio triunfo, em vez de honrar, blasfema,
Se ao pé do paço a arder, ao pé do colmo ardido,
O vencedor prorrompe em festivo alarido
Na língua em que o vencido exala a queixa extrema!

Do puro sol da glória acaso se alumia
A discórdia cruel, que dissolve os estados,
E na confusa mó dos erros sublevados
Aguça o rubro gládio à ignara tirania?

Lateja o coração de generoso impulso
Ao ver, no solo nu, que próspero já fora,
Sobre o rastro brutal da fúria assoladora
Pendido o vício, abjeto, e o delírio convulso?

Que flores regará, que laurel ou que palma,
(Um dia só que seja, apenas breve instante)
Sangue que a jorros brota a pátria agonizante,
Pranto que eterno fica a destilar-se na alma?

É na luta civil a fortuna ilusória.
Ouvindo lastimar-se, em brados aflitivos,

Pelos mortos irmãos a dor dos irmãos vivos.
Qual ousará dizer “aplaudi-me a vitória?”

Embora clame audaz: “os meus contrários forço!”
Responde um coro de ais; cresce a nuvem do luto;
E dentre a cerração, vingador absoluto,
Surge o espectro fatal, que se chama – remorso!

Não n’o sente o perverso, a quem a raiva atiça?
O ateu sem lei nem fé? o enlevo de insensatos,
Que a vaidade enlouquece, e tem para os seus atos
Um só motor: a inveja, um só guia: a cobiça?

Não sente esse remorso, enquanto dilacera
Povo, crenças, razão, o saber, a virtude,
Por que um dia triunfe a insânia baixa e rude?...
Deixai-o despertar: olha em si;vê-se fera!

E fera acabará, sob a mão que lhe oprime
Na morta consciência o orgulho temerário,
Novo e pior Nabuco em mais letal fadário,
Ao ver a solidão, que em torno lhe abre o crime!

Oh! não, jamais prospera, erguida sobre o excídio,
Cega ambição, que em ódio a própria terra inflama:
O ardor de tais paixões não é luzeiro, é chama;
O embate de armas tais não é luta, é suicídio!

O escritor aborda também as motivações de uma “guerra santa”, utilizando-se, no segundo segmento da composição, de pressupostos voltados à fé patriótica na execução da mesma:

Mas soe (audácia bárbara!)
Cartel de estranho insulto,
E afronte o grave culto

Do nacional brasão,
Surgir vereis, unâmice,
Dos lares devassados
Um povo de soldados...
É santa a guerra então!

É santa! Um fogo elétrico
De extremo a extremo vibra;
Penetra em cada fibra
A dor da afronta aos seus;
A indignação magnânima
Assenta os márcios postes:
Levanta, impulsa as hostes
O instinto, a pátria e Deus!

Este o potente estímulo,
Este o sagrado norte
De quem prefere a morte
À desonrada paz!
Este o que faz Termópilas!
E contra o jugo alheio,
Deixando o sulco em meio,
Do arado lança faz!

Este abençoa o lábaro,
Que o pundonor desprega,
E na mortal refrega
Estrela irá surgir
Move este o herói, que intrépido
Leva na destra armada
A ideia feita espada,
Com os olhos no porvir!

Conceitos como religiosidade, heroicidade, civismo, levando em conta os enfrentamentos bélicos,

constituíam o conteúdo da terceira parte dos versos de Mendes Leal:

Oh! este o nobre, o autêntico,
O ardente entusiasmo;
O sentimento uníssono,
Que extraí do esforço o pasmo!

Sentindo-o, alguém resiste-lhe?
Ousa exprobrá-lo alguém?
Não é paládio único
Aos povos... que inda o tem?

Não justifica o bélico,
Sanguinolento ofício,
Que se enobrece alçando-se
Aos sumo sacrifício?...

Ouvis? Restrige próxima
A tuba militar.
Os batalhões impávidos
Já sentireis marchar.

Como os que ficam, êmulos
Da filial coragem,
Em chusma vem solícita
Saudá-los em passagem!

Lá chegam! Viva! Acolhem-nos,
Por entre o amor e os ais,
Da mãe, da esposa as lágrimas!
O adeus de irmãs e pais!

Qual engrinalda os lúcidos
Fuzis destruidores!

Qual atapeta o trânsito
De palmas e de flores!

Qual vai, ao louco estrépito
De mil aclamações,
Cingir laureis fatídicos
A boca dos canhões!

As mãos e os braços buscam-se;
Refervem, nos transportes,
O enlevo, o afago, os ósculos
Da turba e das coortes;

E, vendaval oceânico,
Respiração febril,
Dos lábios, da alma exalam-se
Afetos mil e mil!

Arrebatado o espírito
No ardor que as faz mais belas,
Exclamam, coro angélico,
Unidas as donzelas:

– “Das armas o relâmpago
Também nos trouxe aqui,
Sob este sol, que vívido
Nos brilha e vos sorri.

Piedosos votos seguem-vos
De todos os cruzeiros...
O Deus vai dos exércitos
Convosco já, guerreiros!

Se em nossas faces pálidas
A rosa esmaia a cor,

Não é fraqueza de ânimo,
Não é por vão terror!

Dever igual incita-nos
Fortes, quais sois, seremos!
Do sacro tabernáculo
Ante os degraus supremos,

Por vós já vamos súplices
Pedir ao Rei dos reis:
Partis não mais que armígeros;
Heróis nos voltareis!

Desde o tugúrio humílimo
Até doirados paços,
Os corações esperam-vos,
Esperam-vos os braços.

As áureas coroas cívicas
Dispõem-vos o país!
Vireis encher com júbilos
O que em saudade abris!...

Mas esta glória basta-vos,
Que a todos alvorça,
De haver mantido incólume
A vossa honra... e a nossa!"

E os anciãos:
- "Oráculo
Os anos também são.
Por nós, por nós dos séculos
Recebereis a unção!

Enquanto, ousado nômada,
Seu povo combatia,

E em temerosa dúvida
Lidava inteiro o dia,

O olhar ao céu, mais férvido
Ao pressentir revés,
Do monte ao pináculo
Prostrado orou Moisés.

Moisés vos somos!... Trêmulos
Aqui nos prende a idade,
Já perto dos recônditos
Confins da eternidade.

Aqui, porém, pontífices
Nas mágoas de Israel,
As nossas bênçãos últimas
Vos hão de ser broquel.

Hão de; que nos aspérrimos
Da vida extremos sismos,
Fitando a pátria, ouvindo-lhe
A dor mortal, sentimos

Neste final crepúsculo,
Que já não tem manhãs,
Sob o torpor os ímpetos,
O fogo sob as cãs!

E as bênçãos, em tal ápice.
Oh! não, jamais são mortas
A terra, os céus escutam-na
Da divindade às portas!

Em vossos braços válidos
Nossa esperança está.

Nossa? Melhor. Dos pósteros,
Do que inda apôs virá.

Ó firmes sustentáculos
Dos já quebrados ramos,
Livres guardas, sem mácula
Quanto vos confiamos;

O solo em que estas árvores
Plantaram nossas mãos;
O patrimônio público;
O vosso; o dos irmãos;

A herdade; o ninho tépido
Da infância; o casto abrigo;
O alegre templo rústico;
O presbitério amigo:

O venerando tálamo,
Que o foi já dos avós;
O lar, o berço, o túmulo
Do que é de todos nós!

E a aspiração legítima
Das naturais vontades!
E as do passado mágicas
Memórias e saudades!...

Se alguns lá foram vítimas
Do arrojo e do dever,
Aqui, chorados mártires,
Benditos hão de ser.

Seus feitos eternizaram-se
Nas lendas populares...

Aos que lhes prostram vândalos
A pátria sagra altares.

Com os pés no sangue, incitam-vos
Do sangue aos corifeus?
Vós sois, ó filhos (crede-nos!)
Os nossos Macabeus!..."

E as filas marcham rápidas
Galgando o trilho estreito:
Na boca em riso os cânticos!
A fúria a arder no peito!

As águas abrem turbidas
Igníferos baixeiros;
Transpõem desertos páramos
Os rápidos corcéis.

E as legiões indômitas,
Ansiosas de batalha,
Cantam no horror mortífero,
Sorriem à metralha!...

O pertinaz propósito,
O longo ousar que é?
De onde lhes vem a energia,
A invariável fé?

Por que arremetem ávidas
À morte nas trincheiras,
E em rumas de cadáveres
Hasteiam as bandeiras?

A pátria as fixa plácidas
Dos chefes em redor!...

A pátria! o grande símbolo!
A pátria! o amor maior!

Amor, de amores cúpula,
Amor, dos mais resumo,
Que importam as catástrofes,
Se, dentre e pó e o fumo,

Por ti, vingado e esplêndido,
Ressurge de uma vez
O timbre, o nome, o título,
Que um povo isento fez?

Bem haja o que, firmando-se
Na herança pela glória,
Insere a antiga Ilíada
Em sua nova história!

O quarto segmento da composição de Mendes Leal dedicava-se ao enaltecimento do Império brasileiro, com referências à Guerra do Paraguai, trazendo a citação dos nomes de algumas das batalhas entabuladas no confronto internacional, consideradas como “formidáveis padrões” e “egrégios feitos”:

Brasil exulta! Legas aos vindouros
Troféus em que a epopeia se traslada.
Contar podes no rol dos teus tesouros
O que mais vale – a honra imaculada.
O austero brio, austero até nos louros,
Forte o peito, alta a fronte, a mão na espada,
Tens por guarda aos beirais desse hemisfério,
Vigia heroico do opulento império!

Foi o teu agressor astuto bravo?
Dispunha, para tudo apercebido,
Da cabal sujeição de um povo escravo?
Do infesto algar? do passo conhecido?
Mais brilhante, mais nobre o desagravo
Em lide aberta, ao rútilo estampido:
Eternos são os ecos da vitória
Onde o esforço rival disputa a glória!

Mais que as hostes, e mais que as cidadelas,
Detém-te o arrojo, provam-te a constância,
Estorvos mil, que sem cessar debelas;
A solidão inóspita, a distância,
O lago, a selva, as fragas, as portelas,
Os assaltos do colima a cada estância...
Cumpre, a fim de travar combate incerto,
Domar primeiro o indômito deserto!

Imenso é tudo! Afronta a imensidão
Trabalho de anos, pelejar de meses!
As forças prostra, os arraiais invade,
Um céu de fogo, a terra um mar por vezes!...
Ali, penhor da intrépida irmandade.
Sangue corre também de portugueses!...
Acolhe a flor, que a musa aqui lhes lança:
A ascendência é comum, igual à herança!

Exulta! Armou-te a fé: teu prêmio houveste;
Prêmio que sacro faz, e não sem custo,
O aplauso e a dor – as palmas e o cipreste!
Grande um povo será, se ousado e justo
Pelo timbre dos seus à pugna investe,
E na bandeira envolto, manto augusto,
Sabe, sem transações nem vil disfarce,
Vencer com ela, ou nela amortalhar-se.

É nobreza o valor. Nobreza obriga.
Fundada a tradição, volve oportuna.
Se alguma vez teus filhos, à fadiga
Cederem, maltratados da fortuna,
Logo haverá memória que lhes diga
Na ardente voz da histórica tribuna:
- Se já vos não lembrais, aqui vos lembro
Os faustos dias do imortal dezembro!"

Angostura! Vileta! Valentina!
Triunfos que invejara a águia romana!
E a tremenda Humaitá, que em vão fulmina!
E Belaco! e Timbó! E Uruguaiana,
Onde a fúria invasora aa a ruína!
E os heróis cujo nome o império ufana...
Nomes?... Todos a fama os leva ao cume
Num só - o da nação, que os mais resume!

Formidáveis padrões! Egrégios feitos!
Sois no presente os germes do futuro!
Convosco as mentes vão, convosco os peitos
Às puras regiões do ardor mais puro!
Destarte abriga a pátria os seus direitos
No próprio esforço, inexpugnável muro;
Destarte a seiva é flor; e a flor em breve
É fruto, que a tocar ninguém se atreve!

Tal nas gentes se implanta e se robora
A nativa energia, a consciência,
O respeito de si - não já sonora
E vã jactância - mas viril prudência.
A eterna previsão, eterna escora,
Fez desse instinto amparo à independência.
Eis-te, na idade a que se chama adulta,
Dos fados teus senhor, - Brasil, exulta!

A guerra entre os países platinos era apontada pelo poeta português, na quinta parte, como digna de rememoração em meio às gerações futuras, propondo a edificação de uma “memória grata” aos “heróis” que combateram no conflito:

Aí, destrançada a triunfal grinalda,
As saudades se esfolham tristemente?
Brotá em rostos sem cor pranto que escalda?

Quem o amigo perdeu, filho ou parente,
Tenta em vão simular fera hombridade,
Que indiscreto soluço lhe desmente?

Deixa, oh! deixa os extremos da piedade
Por lenitivo à mágoa: as forças dobra
No amar e no sofrer a humanidade

Alguns obreiros faltam finda a obra?
É luto, mas exemplo; é dor, mas glória;
Padece o coração, mas não soçobra!

A pátria exclama: – “honrai-lhe a memória!”
E, confortado o espírito, acrescenta:
– “Expiraram num dia de vitória!”

Joelho em terra, irmãos! Nossa alma atenta
Elevamos com a prece, entre os louvores,
Ao Deus dos fortes, que os recebe e isenta.

Armas em funeral! Sobre os tambores
O longo crepe! Fúnebre e espaçado
O largo som dos bronzes troadores!

Exéquias grandes! Gigantesco estrado!
O novo mundo assiste ao novo rito
Pela crista dos Andes debruçado!

Se um manuseio tentais, seja inaudito
Como as paixões e os homens, como a terra,
Como o holocausto e o pertinaz conflito.

Nos braços escolhei da ingente serra
Titânico espião: lavrai-lhe a face
Com as temerosas cenas dessa guerra.

Veja aí cada século que passe
Das aliadas, ínclitas falanges
As duras provas, em constante enlace;

Os que o veio levou de um novo Ganges,
Oblatos voluntários; os rendidos
Ao fogo, à peste, ao gume dos alfanjes!

Esses revivam, grupos esculpidos
No empinado fraguedo, e a grã campanha
Memorem da procela nos bramidos.

Em tal voz contarão, potente e estranha,
O ardente embate e o longo sacrifício
Ao ermo, ao céu, aos ecos da montanha...

—

Não! Melhor há. – Com menos artifício
Aos manes dos remotos sepultados
Erguereis monumento mais propício.

Memória grata a heróis, grata a soldados,
Dos louros seus perpétua sentinelas,
Sagrai-lhes, em pirâmide singela,
O bronze dos canhões aprisionados!

Finalmente, na sexta parte, Mendes Leal manifestava as congratulações pelo término da guerra, com a vitória do Império, saudando a “fortuna” e a “glória brasílica” que, com o retorno dos “heroicos” combatentes, passaria a viver uma “eterna nação”:

Vindicou-se a honra. – Agora
Faça Deus pronto arraiar
A branda paz, doce aurora
Que as messes no campo enflora,
E as alegrias no lar.

Assente a paz, cresce a lida
Que a abundância reproduz:
A paz a indústria convida;
Com a paz volve o ardor à vida;
Pão à casa; às sombras luz.

Vereis como em breve espargem
Novos dons novo prazer!
Vereis retocar-se a vargem,
E dos córregos à margem
A tarefa referver.

Vereis, inda fresco o orvalho,
Trafegar desde o arrebol
Foice, escopro, e forja, e malho!
Vereis o geral trabalho
Como um denso enxame ao sol!

Vereis, travados os braços,
(Da esperança no apogeu)
Contando as mágoas e os passos,
Ternos pares, cujos laços
Longa ausência interrompeu,

Discorrem já sem medo
Pelo enramado verdor,
Onde cauto, onde em segredo
O murmúrio do arvoredo
Fala do céu e do amor!

O horizonte carrancudo
Limpou. Eis-lhe a sorrir
Na alma o afeto, em roda tudo.
São-lhes à ventura escudo
Os augúrios do porvir!...

Assim vereis, sem que espante,
Bens, ação, ventura e fé,
Subirem de instante a instante,
Como o preamar possante
Duma próspera maré!

Venha... é justo o prêmio e o gozo!...
Venha, saudemo-la, a paz!
Bem pode ser generoso
Quem foi na sorte ditoso,
Quem nas armas foi audaz.

Em torno à rostral coluna
De certo não temeis já
Que esse povo não reúna:
A brasílica fortuna
À sombra da glória está.

Pela glória velar há de,
Como atalaia fiel,
Sua irmã, a liberdade;
E a fecunda atividade
Duplica sob o laurel!...

Quando o passageiro aponte,
E ache um filho do país
Ou na roça ou no desmonte,
Medalha ao peito, e na fronte
Uma honrada cicatriz.

Se inquirir o rapazinho,
Que ao vivo albor da manhã,
A dois passos, no caminho,
Contempla o cultor vizinho,
Sem ousar turbar-lhe o afã,

Responda o moço enlevado,
Com o fulgor do céu azul
A transluzir-se no agrado:
- “É meu pai, este!... e soldado
Foi nas campanhas do sul!...”

No trabalho a mão robusta!
Na alma a heroica tradição!
Quando a larga base ajusta
Nessa dupla força augusta
Vive eterna uma nação!

Assim, *Homenagem à nação brasileira pela terminação da Guerra do Paraguai*, realizada por Fernando Tomás de Brito e contando com a composição poética de Mendes Leal, constituiu uma amostra do amplo interesse lusitano nos temas envolvendo o Brasil. Nessa linha, “a

crônica dos acontecimentos brasileiros, no período que vai de 1870 até ao final do século XIX", constituiu "um assunto que mobilizou o interesse do público leitor português", vindo a mobilizar "o interesse de seus intelectuais"⁵⁴. O retorno à estabilidade no Império brasileiro era fundamental para os propósitos lusitanos, daí a atenção para com o final do conflito platino. Além disso, havia o desígnio da manutenção das boas inter-relações luso-brasileiras que também servia para compor a conjuntura que envolveu aquela "homenagem à nação brasileira"⁵⁵.

⁵⁴ PAREDES. p. 19.

⁵⁵ Tais versos de autoria de Mendes Leal viriam a ter significativa repercussão no contexto brasileiro e sul-riograndense. Exemplo disso foi a reprodução integral dos mesmos nas páginas da folha literária gaúcha *Arcádia. ARCÁDIA*. Pelotas, 18 abr. 1870; e 2 maio. 1870.



COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A **Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO) de Estudos Globais da Universidade Aberta** e a **Biblioteca Rio-Grandense** reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação prenhe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



UNIVERSIDADE
AbERTA

Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025



ISBN: 978-65-89557-42-5

